



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

BRAGA

Ser e estar no ensino de Português Língua Estrangeira/
Língua Segunda

Relatório de Estágio apresentado à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de Mestre em **Português
Língua Estrangeira/Língua Segunda**

MEI I CHEANG

Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais

MAIO 2019



CATÓLICA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

BRAGA

Ser e estar no ensino de Português Língua Estrangeira/
Língua Segunda

**Local de Estágio: Faculdade de Filosofia e
Ciências Sociais do Centro Regional de Braga
da Universidade Católica Portuguesa**

**Relatório de Estágio apresentado à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de Mestre em Português
Língua Estrangeira/Língua Segunda**

MEI I CHEANG

**Sob a Orientação do Prof. Doutor Augusto Soares da
Silva**

Índice

Agradecimentos	I
Resumo	II
<i>Abstract</i>	II
Índice de figuras	III
Lista de siglas e acrónimos	IV
Parte I	
Introdução	1
Capítulo 1 – Os verbos <i>ser</i> e <i>estar</i> : uma questão linguística e um problema didático...3	
1.1. <i>Ser</i> e <i>estar</i> : uma especificidade ibérica.....	3
1.2. <i>Ser</i> e <i>estar</i> : um problema para os estrangeiros.....	6
1.3. <i>Ser</i> e <i>estar</i> nos manuais didáticos.....	11
Capítulo 2 – Enquadramento teórico	13
2.1. Os verbos copulativos	13
2.2. Verbos copulativos e predicções de base adjetival e nominal.....	14
2.3. A restrição de seleção ao sujeito (verbos copulativos e verbos plenos)	16
2.4. Verbos copulativos como verbos auxiliares.....	17
2.5. Verbos auxiliares e gramaticalização	19
2.6. Verbos copulativos, aspeto e passiva.....	20
Capítulo 3 – A distinção entre os verbos <i>ser</i> e <i>estar</i>	23
3.1. <i>Ser</i> vs. <i>estar</i>	23
3.2. <i>Ser</i>	25
3.2.1. As orações copulativas identificadoras	27
3.3. <i>Estar</i>	29
3.3.1. Verbos copulativos no uso locativo	30
Capítulo 4 – Construção progressiva (<i>estar</i> a + infinitivo)	32
Capítulo 5 – Os verbos <i>ser</i> e <i>estar</i> e a voz passiva	36
5.1. <i>Ser</i> na voz passiva.....	36
5.2. <i>Estar</i> na voz passiva	38
Parte II	
Capítulo 1 – Âmbito do estágio	41
1.1. A Universidade.....	41
1.2. A aula de Português	41
1.3. A turma	42
1.4. Observações de aulas e outras experiências de âmbito académico	43
Capítulo 2 – Metodologia de ensino dos verbos <i>ser</i> e <i>estar</i> na aula de português como língua não materna	45

Capítulo 3 – Unidades letivas	48
3.1. Aula n.º 1	48
3.1.1. Desenvolvimento da aula	48
3.1.2. Observação	49
3.1.3. Auto-avaliação	50
3.1.4. Conclusão	50
3.2. Aula n.º 2	51
3.2.1. Desenvolvimento da aula	52
3.2.2. Observação	53
3.2.3. Auto-avaliação	53
3.2.4. Conclusão	54
3.3. Aula n.º 3	55
3.3.1. Desenvolvimento da aula	55
3.3.2. Observação	56
3.3.3. Auto-avaliação	57
3.3.4. Conclusão	58
3.4. Aula n.º 4	59
3.4.1. Desenvolvimento da aula	59
3.4.2. Observação	60
3.4.3. Auto-avaliação	60
3.4.4. Conclusão	61
Capítulo 4 – Apreciações sobre o trabalho realizado	62
4.1. Resultado	62
4.2. Avaliação	62
Conclusão	63
Referências bibliográficas	66
Anexos	70
Anexo 1	71
Anexo 2	73
Anexo 3	74
Anexo 4	77
Anexo 5	80
Anexo 6	86
Anexo 7	88
Anexo 8	89
Anexo 9	92
Anexo 10	100
Anexo 11	102

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Augusto Soares da Silva, orientador deste relatório, e à Professora Emília Pedrosa, pelas sábias palavras que permitiram dar forma e enriquecer este trabalho;

à minha família, aos amigos e ao Lucas Ng, pelo apoio constante ao longo deste trabalho, pela disponibilidade e pelos seus comentários sempre pertinentes;

à Direção dos Serviços de Educação e Juventude de Macau, pela bolsa de estudo,

a minha mais sincera gratidão.

Resumo

O presente Relatório pretende fazer uma análise dos dois verbos copulativos *ser* e *estar* no contexto do ensino de português como língua estrangeira/língua segunda (PLE/L2). Procuramos saber as dificuldades dos aprendentes estrangeiros sobre estes dois verbos, fazendo principalmente uma comparação entre o português, o inglês e o chinês. A partir dessas dificuldades, desenvolve-se uma análise destes verbos e das diferentes construções gramaticais em que participam, seguindo a perspectiva da Linguística Cognitiva. Na segunda parte do trabalho, é feita uma aplicação didática do presente tema no ensino da gramática do PLE/L2.

PALAVRAS-CHAVE: Ser, Estar, Ensino, Português Língua Estrangeira, Gramática

Abstract

This report aims to present an analysis of two verbs in Portuguese, *ser* and *estar*, in the context of teaching Portuguese as a foreign language / second language (PFL/SL). We seek to understand the difficulties that foreign learners encounter regarding these two verbs through a comparison between Portuguese, English and Chinese. Based on the result, we develop, following the Cognitive Linguistics perspective, an analysis of these verbs and the different grammatical constructions in which they participate. In the second part of the report, we present a didactic application of the present theme in the grammar teaching of PFL/SL.

Keywords: Ser, Estar, Teaching, Portuguese as a foreign language, Grammar

Índice de figuras

Figura 1 – Formação da voz passiva	36
Foto 1 – Recurso – Marcador de números	74
Foto 2 – Recurso – Prémio	74

Lista de siglas e acrónimos

FFCS: Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais

L2: Língua Segunda

PALOP: Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

PLE: Português Língua Estrangeira

QECRL: Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas

TAM: Tempo, Aspeto, Modo

Parte I

Introdução

Na língua portuguesa, os verbos *ser* e *estar* são dos mais usados, tendo diversos significados e participando em diferentes construções. Por serem verbos semântica e sintaticamente muito ricos, apresentam dificuldades para os aprendentes de português como língua estrangeira ou língua segunda.

Aparentemente semelhantes, *ser* e *estar* opõem-se na sua função aspetual (Raposo, 2013: 1304-1309). Para além do português e do espanhol, a distinção entre estes dois verbos não se encontra presente noutras línguas, daí que os aprendentes estrangeiros têm geralmente muita dificuldade no seu uso. Noutras línguas, os verbos *ser* e *estar* exprimem-se apenas num único verbo, como nos casos do inglês *to be* e do francês *être*.

O presente trabalho partirá de uma breve comparação entre o português, o inglês e o chinês para se entender o motivo de um dos maiores problemas com o qual os estrangeiros se deparam na aprendizagem da língua portuguesa.

Os livros didáticos para estrangeiros geralmente dividem os usos de *ser* e *estar* em duas grandes categorias: significado permanente e significado temporário. No entanto, esta descrição é genérica e, por isso, não dá conta de toda a semântica destes dois verbos.

O presente Relatório baseia-se numa perspetiva cognitiva, mais especificamente, da Linguística Cognitiva (Geeraerts & Cuyckens 2007 e Silva 1997, 2008b, para uma visão de conjunto), na abordagem destes dois verbos. Simultaneamente são aplicadas noções aspetuais desenvolvidas por Cunha (1998, 2004), Carlson (1977) e Kratzer (1995).

Depois de se estabelecer a distinção aspetual fundamental entre os verbos *ser* e *estar*, o trabalho pretende, ainda, fazer uma análise dos outros contextos em que estes dois verbos ocorrem, para mostrar a produtividade e a particularidade dos mesmos,

nomeadamente, a construção progressiva, com o verbo *estar*, e a construção passiva, em que os dois verbos podem participar.

Posteriormente, a análise semântica, sintática e pragmática dos verbos *ser* e *estar* é didaticamente aplicada na aula de português como língua estrangeira ou língua segunda. Através de atividades diversas no contexto de sala de aula, pretende-se levar os alunos estrangeiros a perceber melhor a distinção entre os dois verbos e a saber usá-los nas diferentes construções gramaticais em que participam.

Por fim, indicaremos alguns contributos do presente estudo sobre *ser* e *estar*, nas diversas construções em que participam, para a rede de ensino da língua portuguesa no estrangeiro, constituindo-se, assim, numa proposta de explicação do uso dos dois verbos, já não em termos de regras exclusivamente sintáticas ou outras regras formais, mas com base nos processos cognitivos e nas motivações semânticas e pragmáticas que determinam a diferenciação e o uso de *ser* e de *estar*.

O presente Relatório é constituído por duas partes, que são respetivamente a parte teórica e uma aplicação didática do presente tema. A primeira parte está estruturada em cinco capítulos e começa por tratar dos problemas dos aprendentes estrangeiros na distinção entre os verbos *ser* e *estar* na língua portuguesa. A seguir, é feita uma análise semântica, pragmática e sintática dos dois verbos, identificando os diferentes contextos do seu uso e da sua diferenciação. Os restantes capítulos da primeira parte tratam das diferentes construções em que *ser* e *estar* participam, nomeadamente a construção progressiva e a construção passiva. A segunda parte é integralmente dedicada ao contexto didático de ensino dos verbos *ser* e *estar* a aprendentes do português como língua estrangeira ou língua segunda.

Capítulo 1 - Os verbos *ser* e *estar*: uma questão linguística e um problema didático

1.1. *Ser* e *estar*: uma especificidade ibérica

Dentro das línguas indo-europeias, o português e o espanhol diferenciam-se de outras línguas por terem dois verbos copulativos - *ser* e *estar* -, usados produtivamente em orações com valores aspetuais diferentes. No entanto, para os aprendentes estrangeiros em cuja língua materna não se distinguem estes dois verbos ou não existem verbos com uma função aspetual (como no chinês), essa diferença é pouco compreensível. Uma vez que o uso gramatical se fundamenta em operações cognitivas dos falantes, na interação verbal e na eficiência comunicativa, a distinção entre estes dois verbos só pode ser compreendida com base nesses processos cognitivos e comunicativos.

Segundo Radden & Dirven (2007), a gramática de uma língua faz parte da cognição humana e reflete **generalizações** sobre fenómenos no mundo, em conformidade com a **experiência** dos seus falantes. Assim, mesmo que duas comunidades tenham a mesma categoria conceptual, o significado e o uso dessa categoria podem ser diferentes de acordo com as diferentes **experiências dos seus falantes**. Voltando à questão dos verbos *ser* e *estar*, embora o português e o espanhol tenham os mesmos verbos copulativos, a forma como os falantes das duas línguas categorizam o aspeto de *ser* e o aspeto de *estar* é, de alguma maneira, diferente. Por exemplo, para descrever o estado civil em espanhol, usa-se o verbo *estar*, como em “Juan está soltero.” ou “Estoy casado.”, ao passo que em português se usa o verbo *ser*, como “O João é solteiro.” ou “Sou casado”. Podemos assim verificar que a **conceptualização** de um estado como mutável depende da **perspetivação do falante** relativamente à **situação** em causa. A mesma situação – neste caso, o estado civil – pode

ser conceptualmente perspectivada como transitória ou como permanente. Quer isto dizer que a gramática de uma língua não se reduz a regras que os falantes têm simplesmente que aprender, mas é constituída por categorias e construções cognitivas e pragmaticamente motivadas. As unidades e estruturas gramaticais emergem do uso linguístico e simbolizam conceptualizações. De acordo com Langacker (2008), a gramática não é uma componente autónoma da linguagem (nem esta é uma componente autónoma da cognição) e também não é uma sistema de regras para a construção de expressões bem formadas, ao contrário do que o modelo generativista (Gramática Generativa de Chomsky) e outros modelos formais postulam; ela é um sistema de estruturação conceptual que envolve capacidades cognitivas gerais (percepção, atenção, categorização, memória), os conhecimentos que temos sobre o mundo e mecanismos imaginativos. Consequentemente, como Langacker (2008) e Silva (2008a) salientam, todas as unidades gramaticais são *simbólicas*, isto é, cada unidade gramatical constitui-se como pareamento convencionalizado de som e significado, nunca podendo ser postos de parte os respetivos significados, por mais abstratos que sejam, e os processos de conceptualização de que aqueles resultam. Quer isto dizer que a descrição dos usos de *ser* e de *estar* tem que atender às perspetivações conceptuais que estes dois verbos exprimem relativamente a determinada situação da realidade.

Como referido acima, as categorias gramaticais são estabelecidas com base no uso efetivo da língua pelos falantes. O mesmo se aplica às chamadas “regras” gramaticais. Não é a “regra” ou padrão gramatical que determina o uso, mas este que determina aquele. No entanto, o modelo tradicional de ensino da língua materna ou da língua estrangeira segue a trajetória inversa: explica-se primeiro a regra e só depois é feita a aplicação prática. Assim, muitas vezes, os estudantes só fixam a construção formal da frase e praticam o uso da forma gramatical estudada sem apreenderem o seu significado. Por exemplo, as funções do verbo ou predicado, os valores aspetuais e modais, os

significados das construções são geralmente preteridos no ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira.

Uma questão se coloca, para a qual achamos importante tecer algumas considerações: por que razão é que os falantes da língua materna, em geral, raramente aprendem as regras gramaticais da sua língua, mas conseguem usá-las fluentemente? Não estarão eles limitados pelas regras da gramática?

A **categorização** ou processo de identificação, classificação, nomeação e organização da imensa variedade do mundo que nos cerca é uma capacidade cognitiva fundamental, de que depende a nossa própria vida individual e social (Silva 2008b: 112). A linguagem é, efetivamente, o meio mais eficaz de categorização e o processo de categorização baseia-se na experiência humana em todas as suas dimensões e, logo, nos conhecimentos que temos sobre nós e o mundo (Lakoff, 1987; Radden & Dirven, 2007). O contexto é um fator fundamental que determina o modo como as entidades são categorizadas. Por exemplo, tanto o português como o inglês possuem um sufixo para a marcação do plural e os falantes das duas línguas facilmente diferenciam as formas do plural e do singular dos nomes e conceptualizam essa diferença em termos da categoria da quantidade dos objetos, não de todos os objetos, mas dos objetos quantificáveis, expressos pelos chamados nomes contáveis. Já o mesmo não funciona para os chineses, visto que a categoria da quantidade no chinês não é expressa morfologicamente através da flexão dos nomes, mas de outros modos. Consequentemente, um chinês vai ter dificuldades na aprendizagem da categorização da quantidade e da sua expressão flexional numa língua como o português.

A categorização e outros processos cognitivos que configuram a gramática de uma língua são, enquanto capacidades cognitivas, os mesmos para todos os seres humanos. Mas as distinções que estes processos operam diferem de língua para língua, de cultura para cultura, ao longo do tempo e até dentro da mesma língua, estando, portanto,

inevitavelmente condicionados por fatores linguísticos, discursivos, sociais, culturais e históricos (Silva 2008a).

A distinção entre *ser* e *estar* é, sem dúvida, um grande obstáculo para os aprendentes estrangeiros. Apesar de os dois verbos indicarem um estado, um remete para um estado estável (*ser*), enquanto o outro (*estar*) categoriza um estado episódico (Raposo, 2013). Com a flexão do Tempo, Aspeto e Modo (TAM) do próprio verbo, pode não haver necessidade de adicionar um advérbio temporal, estando subentendido o valor do estado em cada enunciado. Trata-se, pois, de um aspeto especial destes dois verbos na língua portuguesa.

“A gramática reflete nossa experiência real e está intrinsecamente ligada à nossa percepção de mundo.” (Robinson *apud* Huback, 2011: 96). Se compreendermos os diferentes valores aspetuais dos verbos *ser* e *estar*, podemos perceber melhor um aspeto da conceptualização das situações estativas por parte dos falantes do português.

1.2. *Ser* e *estar*: um problema para os estrangeiros

Conforme referido anteriormente, os verbos copulativos *ser* e *estar*, usados para a descrição de estados diferentes em português, equivalem apenas ao verbo em inglês *to be*. Alegre (1999: 4-5) salienta as dificuldades que os aprendentes ingleses sentem na aquisição e no uso dos verbos *ser* e *estar* em espanhol. Uma vez que o autor faz a comparação com espanhol, vamos traduzir os exemplos para português com o objetivo de se verificar melhor e ampliar a comparação:

Categoria 1:

- a. *Marta es alta./ Marta is tall.*
(A Marta é alta.)
- b. *Jorge es professor./ Jorge is a professor.*
(O Jorge é professor.)
- c. *El libro es para él./ The book is for him.*
(O livro é para ele.)

Categoria 2:

- a. *Ester está aburrida./ Ester is bored.*
(A Ester está aborrecida.)
- b. *Ellas están cansadas./ They are tired.*
(Elas estão cansadas.)
- c. *Jorge está com Marta./ Jorge is with Marta.*
(O Jorge está com a Marta.)

Com os exemplos em duas categorias diferentes, mostra-se que o inglês dispõe apenas de um verbo para os dois estados. O verbo *to be* não diferencia os dois valores aspetuais codificados nos dois verbos ibéricos; o que permite conceptualizar em inglês a diferença entre os dois estados não é o verbo *to be*, mas o contexto do predicativo do sujeito.

Para uma distinção dos predicados em inglês, Kratzer (1995) propõe uma divisão com base no trabalho de Carlson (1977). Assume que *os predicados de estádio* (da categoria 2a,b,c) têm a possibilidade de receber um argumento específico de natureza espaço-temporal, ao passo que *os predicados de indivíduo* (da categoria 1a,b,c), não têm essa condição. Assim, podemos dizer “Ester is bored *now*. / Jorge is with Marta *today*.”, mas não podemos dizer “*Marta is tall *now*. / *Jorge is a professor *today*.”. Com efeito, os primeiros indicam um estado eventivo e faz sentido acrescentar um adjunto adverbial temporal para modificar esse estado. Por seu lado, com os segundos predicados, pelo fato de exprimirem uma característica inerente ou uma identidade do indivíduo, os respetivos estados não são mutáveis episodicamente e, conseqüentemente, não podem ser modificados por advérbios temporais. Quer isto então dizer que o próprio verbo *to be* não tem a capacidade de exprimir o aspeto como acontece no caso de *ser* e *estar*; é a construção frásica que, através de um adjunto, pode exprimir os diferentes estados permanente e episódico dados pelos verbos *ser* e *estar* em português

e espanhol. Obviamente que esta diferença linguística traz problemas para os aprendentes ingleses do português.

Situação idêntica também se verifica nos alunos chineses. Em chinês, os verbos não têm flexão verbal, pelo que não exprimem morfologicamente as categorias de tempo, aspeto e modo. Para indicar uma ação ou estado realizado no passado ou no futuro, acrescenta-se um advérbio temporal ao qual correspondem esses valores temporais. Nos casos em que o predicado é de base adjetival, ou seja o foco é no adjetivo, o verbo é sempre dispensado. Usa-se o conceito de ‘ser’ principalmente nas construções identificadoras, com o significado de “A é B”. Esse predicado é de base nominal. Vejam-se os exemplos seguintes em português e em chinês, estes últimos com uma tradução literal, para possibilitar uma comparação do uso de ‘ser’ e ‘estar’ em chinês:

- (1) a. (PT) Eu sou estudante.
(CN) 我是學生 (Eu **ser** estudante.)
b. (PT) Ele é cabeleireiro.
(CN) 他是髮型師 (Ele **ser** cabeleireiro)
c. (PT) Eles são os meus amigos.
(CN) 他們是我的朋友 (Eles **ser** os meus amigos)
- (2) a. (PT) Estou cansado.
(CN) (我)很累 (Eu **muito** cansado)
b. (PT) Ela está contente.
(CN) 她很開心 (Ela **muito** contente)
c. (PT) Ela é linda.
(CN) 她很美麗 (Ela **muito** linda)
- (3) a. (PT) Ele está a viver com os pais.
(CN) 他現在跟父母住 (Ele **agora** com pais viver)
b. (PT) Está a chover.
(CN) 正在下雨 (Neste **momento** chover)

Assim, é possível observar em chinês, numa oração caraterizadora, cujo predicado é de base adjetival, a omissão do verbo e a utilização de um advérbio para designar uma

caraterística, quer seja temporária (2a,b), quer de propriedade inerente (2c). À construção progressiva em português, corresponde em chinês uma construção com a inclusão de um advérbio temporal que indica o que está a passar-se agora (3a,b), muito diferente, portanto, da construção com *estar* em português. Além disso, ‘ser’ (是 shì) em chinês usa-se unicamente na oração identificadora (1a,b,c), a qual tem o sintagma nominal como predicado.

Outras línguas, apesar de terem, igualmente, o verbo correspondente a ‘ser’, evidenciam também diferenças de uso em comparação com o uso do verbo *ser* em português e em espanhol, como vimos acima em relação ao inglês. Já em relação a ‘estar’, podemos dizer que a sua lexicalização em português e espanhol *estar* não tem correspondente noutras línguas.

Voltando às dificuldades dos estrangeiros na aquisição e aprendizagem de *ser* e *estar*, Huback (2011) apresenta exemplos esclarecedores:

observamos que a segunda frase mais problemática para os falantes não-nativos foi “Ricardo ESTÁ dentista há mais de dez anos.”. Nesse caso, 17% dos falantes não-nativos escolheram o verbo ESTAR, em vez de SER. Entre os falantes nativos, ninguém optou pelo verbo inadequado. Essa resposta sugere que os alunos, nesse caso, seguiram a regra apresentada pelos livros didáticos: atributos permanentes usam o verbo SER, e situações temporárias usam o verbo ESTAR. (Huback, 2011: 101)

Embora um indivíduo possa desenvolver a mesma profissão toda a sua vida, o mais comum é mudar de profissão ao longo do tempo o que, conceptualmente, configura sem dúvida um estado não permanente. No entanto, semanticamente não é uma questão de poder ser mutável ou não; o importante é verificar se a propriedade atribuída ao sujeito dura um longo período da sua existência. Se assim for, estamos

perante um estado *estável*¹ (Raposo, 2013: 1305) e combina-se com o verbo *ser*. Assim, a **construção** correta **é** *ser dentista e não estar dentista*. Os **falantes não-nativos** que participaram no estudo de Hubak (2011), guiados pela regra geral de uso dos verbos *ser* e *estar*, **não** se aperceberam desta **distinção**.

Tal como a nacionalidade (francês, japonês, inglês, etc.), **também a profissão é uma propriedade que pode ser alterada**. No momento em que um indivíduo adquiriu uma nova nacionalidade (cf. português), a sua **própria identidade já mudou**. Apesar disso, continua a usar-se o verbo *ser*, pois, **conforme o mundo está estruturado, a nacionalidade, a profissão e o estado civil são perspetivados como estados de longa duração na vida do indivíduo**. Assim, diz-se “O Pedro é português” e não “*O Pedro está português” (Raposo, 2013: 1306). Quando se combina com *estar*, como em “(Hoje) o Pedro está (muito) português”, o significado já é diferente. Desta forma, **perde-se a ideia de nacionalidade e o que o enunciado descreve é a caracterização de um comportamento ou de uma forma de ser, parecido(a) com o/a dos portugueses num determinado momento**.

Pode assim concluir-se que **a aquisição ou aprendizagem dos verbos *ser* e *estar* constitui um grande desafio para falantes de português como língua não materna, sobretudo para aqueles cuja língua materna possui um único verbo correspondente ou não possui nenhuma correspondência verbal lexical**. Para o uso adequado de *ser* e *estar* é muito importante que o aprendente esteja em contexto de imersão, no local onde o português é língua materna e/ou em interação permanente com falantes nativos.

¹ Dentro de estado estável, há mais duas subcategorias que são, respetivamente, o *estado estável permanente* e o *estado estável não permanente* (Raposo, 2013b). Veja-se, adiante, o capítulo 3.2. do presente trabalho, referente aos usos do verbo *ser*.

1.3. *Ser e estar* nos manuais didáticos

Os livros didáticos de língua estrangeira, muitas vezes, para facilitarem a aprendizagem ou memorização por parte dos aprendentes, tentam apresentar estes dois verbos de uma forma categorizada, disponibilizando exercícios onde os verbos *ser* e *estar* são classificados como permanente e temporário, respetivamente. A título de exemplo, transcrevem-se dois excertos com a seguinte definição: “Usamos o verbo *ser* para referir características permanentes ou imutáveis, enquanto que o verbo *estar* se usa para características que podem mudar.” (Mascarenhas & Santos, 2015: 39) e “Ser: é algo permanente, como características físicas e psicológicas, profissão e nacionalidade./ Estar: é algo temporário, que pode ser mudado.”². De uma maneira geral, isto significa que o “está” pode ser mudado, mas o que “é” não pode. Todavia, não concordamos com esta divisão generalista, pois a conceptualização de um estado como permanente ou não pode depender da própria língua e cultura do aprendente. Como vimos no exemplo “ser português”, para uns pode ser um estado permanente, uma identidade inerente, mas para outros existe a possibilidade de mudança. Logo, não é uma identidade permanente. Assim, a caracterização apresentada nestas duas fontes didáticas não é suficiente para que os falantes não-nativos possam usar adequadamente *ser* e *estar*. Fica de fora a explicação de outra parte da semântica de *ser* e *estar*, que é a subdivisão dos estados estáveis entre faseável e não faseável (Cunha, 2004). Este assunto será tratado em detalhe no capítulo IV.

Pelo que foi referido anteriormente, percebemos assim que a definição constante dos livros escolares sobre o uso de *ser* e de *estar* está incompleta. Com base em Raposo (2013), Cunha (2004), Carlson (1977) e Kratzer (1995), desenvolveremos

² Explicação do uso de *ser* e *estar*, disponível em <https://cursovilabrasil.com.br/blog/ser-ou-estar/>.

nos próximos capítulos uma análise mais aprofundada sobre o uso de *ser* e *estar* e os contextos em que ocorrem estes dois verbos.

Capítulo 2 – Enquadramento teórico

2.1. Os verbos copulativos

A oração copulativa diferencia-se das outras orações simples por conter um verbo que leva um valor não caracterizador mas estativo, isto é, o verbo não caracteriza o sujeito, não representa uma ação do indivíduo, mas atribui uma classificação de aspeto ou de modalidade, diferentemente do que sucede com os verbos plenos. É este valor estativo aspetual ou modal que define o verbo copulativo. Numa construção copulativa, a expressão responsável pela descrição da propriedade ou do estado atribuído ao sujeito é o constituinte predicativo, residindo assim o foco conceptual e comunicacional no predicativo do sujeito (“A Ana é professora.” / “A Ana está cansada.”). O sintagma nominal “professora” denota uma identidade do indivíduo, caracterizando assim o sujeito Ana. Cabe ao verbo *ser* a indicação de um estado que acompanha o sujeito durante uma boa parte da sua existência e, portanto, um estado definitivamente estável. Na segunda frase, o foco está no sintagma adjetival “cansada”, o qual é um caracterizador do indivíduo, e o verbo *estar* denota um estado temporário, que pode ser mudado facilmente, ao contrário do verbo *ser*. Ou seja, *ser* e *estar* não descrevem um estado, antes indicam uma duração do respetivo estado. É o constituinte predicativo nominal ou adjetival quem descreve o estado.

Os verbos copulativos são classificados em dois grandes grupos:

(i) os que são usados para atribuir uma propriedade ao sujeito ou para descrever um estado no qual este se encontra (*ser, estar, andar, continuar, revelar-se* e *parecer*); e (ii) os que são usados para descrever uma mudança de estado do sujeito (*ficar, permanecer* e *tornar-se*). (Raposo, 2013: 1297)

Os verbos copulativos sintaticamente estabelecem a ligação entre sujeito e predicado e semanticamente aportam um valor ora aspetual ora modal. Cada verbo copulativo tem a sua própria função, distinta dos demais. Veja-se, por exemplo, “O

João é gordo.” / “O João está gordo.” / “O João ficou gordo.” / “O João parece gordo.”. A construção frásica destas 4 frases é igual, mas o seu valor aspetual ou modal é distinto. O verbo *ser* marca uma propriedade de indivíduo. *Estar* remete para a descrição de um estado de tempo limitado. *Ficar* focaliza o resultado da mudança e dá a visão de um novo estado que surge. *Parecer* modaliza o grau de certeza do sujeito. Estes 4 exemplos mostram bem como o locutor pode alterar a conceptualização do estado de “gordo” atribuído a alguém.

2.2. Verbos copulativos e predicções de base adjetival e nominal

Geralmente todas as orações têm o verbo como sendo o núcleo da predicção. É o verbo que descreve a ação ou o estado do sujeito e desempenha um papel central numa frase. Quando o verbo é o núcleo semântico do predicado, é chamado de “predicador”. Os predicadores mais típicos são os verbos plenos, como por exemplo *comer*, *viver*, *beijar* ou *abraçar*, que expressam o sentido através do próprio verbo. No entanto, nem todas as orações têm o verbo como predicador, como é o caso das orações copulativas, em que o foco fundamental vai para o sintagma adjetival ou nominal pós-verbal, para uma descrição do sujeito. Vejam-se os exemplos seguintes:

- (4) a. A Ana come a maçã.
b. O João vive com a avó.
c. Ele beijou a Joana.
d. O Luís abraçou a mãe.
- (5) a. Ele é alto.
b. O Mário está gordo.
c. A Luísa é simpática.
- (6) a. Ele é professor.
b. O Rui é estudante.

c. A Sofia é jovem.

Se fizermos uma pergunta, nota-se mais claramente a diferença do núcleo dos exemplos (4)-(6). Assim: O que faz a Ana? “(4a) A Ana *come* a maçã.”. O ato de comer descreve a ação do sujeito, sendo o constituinte mais importante em toda a oração. Se omitirmos o verbo, a ação confunde-se entre “a Ana *comprou maçã ou recebeu uma maçã ou ...*”. O mesmo acontece em (4b, c, d). Já em (5), a pergunta “Como é que ele é?” tem a resposta numa característica qualificativa: (5a) “Ele é [*alto*]”. Aqui o foco mudou-se para o adjetivo; é este que caracteriza o sujeito.

Assim, se no exemplo (4) o núcleo semântico da frase é o verbo, em (5) é o adjetivo e em (6) é o nome. Pode assim verificar-se que o verbo copulativo não contribui para o significado da predicação em si mesma.

Quando o núcleo da predicação é um adjetivo, como em (5), chamamos “predicado de base adjetival”. Se o núcleo for um nome, como em (6), é um “predicado de base nominal”. Assim, uma oração que exprime uma predicação através de base adjetival ou nominal é denominada de oração copulativa (Raposo, 2013: 1286).

É de salientar que *ser* e *estar* participam na mesma construção gramatical, mas os seus significados são distintos. A diferença semântica entre *ser* e *estar* consiste na diferença entre **predicado estável** e **predicado episódico** (Raposo, 2013: 1305). Acerca desta distinção, Carlson (1977) distingue os **predicados de indivíduo** (“individual-level”) e os **predicados de estádio** (“stage-level predicates”). Os primeiros denotam propriedades ou qualidades tidas como estáveis nos indivíduos, que duram um longo tempo da sua vida, seja grande parte ou mesmo toda a sua existência. Os segundos envolvem diferentes intervalos de tempo, isto é, permitem uma mudança da qualidade e podem descrever uma característica passageira. Outros autores remetem para a mesma diferenciação semântica: “La diferenciación entre ‘predicados de individuo’ y ‘predicados de estadio’ permite determinar con cierta precisión la

gramática de *ser* y *estar* en lo que se refiere a sus respectivos usos generales como verbos copulativos” (Bosque & Demonte, 1999: 2425); “*ser* se emplea para una situación “inherente” y “esencial, *estar* para un estado “adquirido, contingente y circunstancial” o “accidental”” (Delbecque, 2000: 242).

2.3. A restrição de seleção ao sujeito (verbos copulativos e verbos plenos)

De certa forma, a identificação de um verbo copulativo tem as suas condições necessárias:

- (i) a possibilidade de o verbo ocorrer com qualquer tipo semântico de sujeito e (ii) a possibilidade de o verbo ocorrer num sintagma verbal em combinação única e exclusiva com um adjetivo. (Raposo, 2013: 1301)

Como vimos em alguns exemplos anteriores, os verbos copulativos não contribuem para o significado da predicação própria, não são eles que selecionam o argumento, sendo o constituinte predicativo que dá o valor da seleção do sujeito. Ou seja, esses verbos de cópula não têm um “poder de escolha” na dimensão de seleção de traços (ex: [+humano], [+animado], [+concreto]), contrariamente aos verbos designados de plenos. Seguem-se os exemplos:

- (7) a. O Rui abraçou a Maria.
- b. O Luís comeu maçã.
- c. A Maria está cansada.
- d. O quarto está abafado.

No exemplo (7a), o predicator *abraçar*, no seu uso literal com o sentido de manifestação de amizade, exige um sujeito [+humano] em vez de ser um objeto ou um animal (cf. *o cavalo abraçou a Maria./ *A pedra abraçou a Maria.). No caso (7b), o verbo *comer* remete para um agente que pratica esta ação, o qual pode ter os traços [+humano] ou [+animado]. Verifica-se melhor na comparação entre “o Luís comeu

maçã” e a estranheza de “*o livro comeu maçã”. Em contrapartida, o verbo *estar* nos exemplos (7c) e (7d) é compatível com qualquer tipo semântico de sujeito, quer seja a Maria [+humano], quer seja o quarto [-humano]. Nesta situação, a expressão que seleciona semanticamente o sujeito é o constituinte predicativo: “cansada” em (7c) e “abafado” em (7d). Vejam-se outros exemplos nos quais o constituinte predicativo não é semanticamente compatível com o sujeito:

- (8) a. * A cadeira está cansada.
b. * O João está abafado
c. * A criança está rachada.
d. * O debate está com fome.

Podemos ver, pela estranheza dos exemplos de (8a-d), que os constituintes predicativos não se combinam livremente com todos os tipos de sujeito. Em certos casos, como em (8a) e (8b), a metáfora e a metonímia podem, respetivamente, permitir uma interpretação.

Quer isto dizer que os verbos plenos e verbos copulativos se distinguem pela **restrição de seleção semântica**. Os verbos plenos são sensíveis à seleção semântica do sujeito e têm uma função de predicador nas predicções de base verbal. Pelo contrário, os verbos copulativos são indiferentes à restrição de seleção semântica, sendo o constituinte predicativo o elemento sensível a essa seleção.

2.4. Verbos copulativos como verbos auxiliares

A maior parte dos verbos copulativos da língua portuguesa é usada também como verbos auxiliares, de que resultam as seguintes semelhanças entre ambos:

- (i) não contribuem semanticamente para a predicação propriamente dita – não são predicadores; (ii) contribuem lexicalmente com significados nas áreas do tempo, da

modalidade e do aspeto; e (iii) em orações finitas, são o suporte das marcas morfológicas obrigatórias de TMA e de concordância com o sujeito. (Raposo, 2013: 1298).

No entanto, o leque dos valores semânticos dos verbos copulativos é mais reduzido que o dos verbos auxiliares. Os primeiros especializam-se fundamentalmente na área do aspeto e, limitadamente, da modalidade (*revelar-se* e *parecer*). Os segundos manifestam significados de valor temporal, modal e aspetual. Vejam-se os exemplos:

- (9) a. A carta foi escrita pela Luísa. [auxiliar]
b. A Joana foi professora hoje. [copulativo]
- (10) a. Ele está a trabalhar no banco. [auxiliar]
b. Ele está cansado. [copulativo]
- (11) a. O João ficou a saber que a aula era sexta-feira. [auxiliar]
b. O João ficou doente. [copulativo]
- (12) a. A Maria anda a ler romances. [auxiliar]
b. A Maria anda preocupada com o seu trabalho. [copulativo]

Os exemplos (9)-(12) mostram que alguns verbos podem funcionar quer como auxiliares quer como copulativos. Ambos não seleccionam o sujeito e têm uma marca morfológica de TAM. Porém, a maior diferença é a de que os verbos auxiliares podem ser opcionais. Ao omitir o verbo auxiliar, continuamos a perceber o significado que a frase quer transmitir. Assim, em (10a) “Ele **está** a trabalhar no banco”, sem a construção progressiva, continuamos a saber que o Luís trabalha, que tem um emprego. Precisamos apenas duma marca de duração/indicação do tempo. Pelo contrário, os verbos copulativos são obrigatórios. Verifique-se a estranheza de *A Joana [*professora hoje*]. O predador nominal *professora* não pode servir às marcas de suporte morfológico. Neste contexto de agramaticalidade, a presença da cópula torna-se obrigatória.

2.5. Verbos auxiliares e gramaticalização

Os verbos *ser* e *estar* têm no português de hoje um comportamento sintático diferente do que tinham na Idade Média e do que tinham em latim. Em latim, o verbo *ser* (*esse*) significava ‘existir’ ou, como *sedere*, ‘estar sentado’. E o verbo *estar* (*stare*) significava ‘estar de pé’. Ambos eram verbos locativos.

Eram ambos usados como verbos plenos e, como tal, tinham capacidade de selecionar os seus argumentos. Porém, usamos hoje em dia *ser* e *estar* como verbos auxiliares e verbos copulativos, tendo já perdido o seu significado original de verbos plenos. Além disso, *ser* é usado como auxiliar da passiva e *estar* na construção progressiva (*estar a + infinitivo*). Os processos diacrónicos que conduziram os verbos latinos *esse/sedere* e *stare* aos verbos copulativos românicos e que conduziram os verbos *ser* e *estar* copulativos a verbos auxiliares constituem o que se designa por **gramaticalização**. Um processo de gramaticalização envolve várias mudanças: semântica de perda de traços semânticos e abstração do significado; sintática de recategorização e de reanálise construcional; e por vezes também morfológica e fonológica. A gramaticalização de *ser* e *estar* envolve a perda completa dos traços locativos originais e a perda parcial dos traços aspetuais e a recategorização como verbos copulativos e como verbos auxiliares de voz gramatical (*ser*, *estar*) e de aspeto gramatical (*estar*). Este fenómeno ocorre, para além dos verbos, também com outras classes de palavras.

Desde Meillet (1912: 131) que se entende por **gramaticalização** o processo pelo qual uma unidade lexical passa a assumir uma função gramatical ou uma unidade gramatical passa a assumir uma função ainda mais gramatical. É um processo gradual de *descategorialização* e de *reanálise* morfossintáctica ou ajustamento da forma às propriedades categoriais da nova função. (Silva, 2008b: 224)

Podemos verificar a gramaticalização noutras classes, como, por exemplo, o numeral “um”, passando a assumir o valor de artigo indefinido, ou conectores como *visto que*, *dado que*, formados dos respetivos verbos plenos. Entre muitos outros auxiliares, os mais prototípicos que sofreram este processo de gramaticalização são os verbos *ser*, *estar* e *ir*: *ser* é gramaticalizado na passiva de ação; *estar* é gramaticalizado na construção progressiva (*estar a* + INF) e na construção resultativa (*estar* + participípio passado) ou passiva de estado; *ir* é gramaticalizado na construção de futuro (*ir* + INF).

Esta mudança é baseada na liberdade da língua e em processos de inferência dos falantes.

Na liberdade organizacional do falante, configura-se tanto a manutenção do sistema, possível pela sua parcial autonomia (fruto da possibilidade de categorias materializadas em um determinado contexto, serem reutilizadas em outros momentos), quanto a sua mudança dirigida por pressões comunicativas (como necessidades informativas ou retóricas), que provocam uma constante acomodação da gramática. (Ferreira, 2017: 167)

2.6. Verbos copulativos, aspeto e passiva

Distinguem-se duas grandes categorias de aspeto, nomeadamente o aspeto lexical e o aspeto gramatical. “Tradicionalmente, distingue-se Aspeto de *Aktionsart* (ou modo de acção), considerando-se que o primeiro é fundamentalmente gramatical, realizado em línguas como o português através de morfemas flexionais, e o segundo é de natureza lexical” (Mateus, *et al.*, 2003: 133).³ Os verbos *ser* e *estar* contêm ao mesmo tempo esses dois tipos de aspeto. Nos usos como predicadores, os seus aspetos incorporam o próprio significado do verbo, interpretando, como referido anteriormente, um estado

³ A distinção entre aspeto gramatical e aspeto lexical (ou *Aktionsart*) foi introduzida pelos Neogramáticos no século XIX para dar conta da diferença entre, por um lado, o tipo de situação e, por outro, certos efeitos produzidos por afixos (em particular, prefixos) nas línguas eslavas. Com efeito, nestas línguas e noutras, certas informações como concluído, terminado, em curso, por exemplo, são obtidas através de afixos ou de outros morfemas distintos dos morfemas que veiculam o tempo (Mateus *et al.*, 2003: 133).

estável (*ser*) e um estado episódico (*estar*). Quando funcionam como verbos auxiliares, mostram outros valores aspetuais. É o caso do verbo *estar* quando participa na construção progressiva, como em “O João está a viver com os pais.” / “O João está a chegar.”.⁴

Outra construção em que podemos encontrar a presença dos mesmos é a voz passiva:

A voz é a categoria gramatical que consiste em atribuir diferentes estatutos de Atenção/Proeminência aos argumentos de um verbo através de determinadas construções semântico-sintáticas e pragmáticas. (Silva, 2008a: 18)

Segundo o autor, há três tipos de vozes: a voz ativa, a voz passiva e a voz média. Elas dependem como o verbo se apresenta na oração em relação ao sujeito. A voz ativa ocorre quando o sujeito pratica a ação expressa pelo verbo, comportando-se assim como o agente (cf. *A Ana* comprou um livro.). A voz ativa focaliza o agente e o paciente da ação.

“A voz *passiva* é a estratégia de tornar proeminente a mudança de estado sofrida por um sujeito-temático (sujeito-Paciente), pondo o Tema-Paciente em foco.” (Silva, 2008a: 19) Nesta construção, o ponto da partida para perspetivar a situação passa a ser o paciente ou o tema (cf. *O livro* foi comprado pela Ana). Devido ao fato de conter um grupo verbal complexo, esta construção passiva recebe um nome de **passiva perifrástica** (Duarte, 2013: 437). Uma outra forma de exprimir a passiva é através do uso da passiva de *se*, sendo esta uma estratégia de focalizar o tema e desfocalizar completamente o agente (cf. *vendem-se livros*).

Diferentemente da voz ativa, a voz média caracteriza-se pelo facto de o seu sujeito apresentar, hibridamente, características de participante ativo e iniciador e de participante passivo e afetado. Comparemos “A Ana esqueceu-se de trazer o livro”, instanciando a

⁴ Ver mais pormenores da construção progressiva no capítulo 4.

voz média, com “A Ana comprou o livro”, exemplificando a voz ativa. Diferentemente do segundo exemplo, em que a Ana desempenha o papel de agente, no primeiro exemplo a Ana é afetada pelo seu ato de esquecimento. Como explica Silva (2008a: 20), a voz média “focaliza a mudança de estado que afecta somente o sujeito, constituindo-se assim como uma estratégia de focalizar o domínio (físico, emocional, relacional, mental) do sujeito.”. Cabe assinalar que a voz média está marcada pela presença do clítico “se”. Deve ainda notar-se que esta categoria de voz gramatical, claramente distinta da voz passiva e da voz ativa, não está devidamente reconhecida na gramática do português, nem mesmo em Raposo *et al.* (2013a, b).

Os verbos *ser* e *estar* são usados frequentemente para construir a voz passiva, sobretudo a passiva perifrástica, de duas perspectivas diferentes. Comparemos “A porta foi aberta.” e “A porta está aberta”. A passiva de *ser* focaliza a mudança de estado do participante temático, desfocalizando totalmente (como neste exemplo) ou parcialmente (como em “A porta foi aberta pelo professor”) o seu agente, mas nunca o eliminando, visto que ele está sempre presente, pelo menos implicitamente. A passiva de *estar* focaliza o estado em que se encontra o participante temático, já não associado a um processo de mudança nem ao seu agente.

Capítulo 3 – A distinção entre os verbos *ser* e *estar*

Na língua portuguesa, *ser* e *estar* são produtivos em orações copulativas com valores aspetuais diferentes. A particularidade dos seus usos **exprime conceptualizações diferentes de uma situação estativa** e, até certo ponto, é uma manifestação cultural da língua. Em português, há situações estativas que se expressam apenas com o verbo *ser*, outras situações que se expressam apenas com o verbo *estar*, e há ainda situações que tanto se podem codificar com *ser* como com *estar*.

Segundo Raposo (2013: 1305), distinguem-se os **predicados estáveis** e os **predicados episódicos**, conhecidos também como estados estáveis e estados episódicos. Os primeiros denotam propriedades ou qualidades tidas como estáveis nos indivíduos, que perduram durante uma boa parte da sua vida ou mesmo durante toda a sua existência. Os segundos envolvem diferentes intervalos de tempo, marcando assim um estado temporário ou transitório.

3.1. *Ser* vs. *estar*

Há contextos em que tanto se pode usar o verbo *ser* como o verbo *estar*, embora com diferentes valores semânticos. A diferença é claramente aspetual. Considerem-se os exemplos (13)-(16).

- (13) a. A Maria **é** bonita.
b. A Maria **está** bonita.
- (14) a. O João **é** cego
b. O João **está** cego.
- (15) a. O bolo **é** bom.
b. O bolo **está** bom.
- (16) a. O livro **é** velho.
b. O livro **está** velho.

Os adjetivos que admitem *ser* e *estar*, exemplificados em (13)-(16), têm o mesmo significado lexical na combinação com os dois verbos. O que se altera é a interpretação aspetual do predicado, entre **episódica** e **estável**. Em (13a), *ser bonita* implica uma propriedade inerente ou característica própria duma pessoa. Embora os adjetivos qualificativos possam ser mutáveis, usa-se *ser* para um estado que acompanha o indivíduo num longo tempo na sua existência. Pelo contrário, em (13b), *estar bonita* tem o sentido de ter boa aparência apenas num determinado momento, em vez de ser uma característica própria. No caso de (14a), *ser cego* é uma deficiência física, sendo assim usado *ser* para descrever um estado estável ou uma propriedade de uma pessoa. No entanto, quando o adjetivo *cego* se combina com *estar* (14b), a deficiência passa a ser episódica (cf. O João está cego neste momento). Pode, no entanto, também adquirir um sentido metafórico, próximo de “incapaz de raciocinar” e reagir apenas emotivamente. Em (15a), *ser bom* denota uma qualidade que se mantém em certo nível, ao passo que *estar bom* (15b) implica um estado temporário, uma qualidade que ocorre num determinado momento. Quanto ao exemplo (16), o livro tanto pode ser já antigo (16a) e portanto ter já a qualidade de *velho*, como pode, por algum motivo (físico ou abstrato) passar a estar *velho* (16b). Obviamente que (16a) é mais natural e produtivo do que (16b).

Assim, os predicados estáveis podem ser entendidos como aqueles que diretamente caracterizam uma entidade, descrevendo as propriedades que lhe são “permanentes” ou “intrínsecas”. Os predicados episódicos, pelo contrário, apenas dão conta de especificidades que se relacionam com porções espaço-temporalmente delimitadas de um indivíduo, o que significa que, tipicamente, revelam um caráter, por assim dizer, mais “temporário”.

Kratzer (1995) desenvolve uma outra diferenciação, com base do trabalho de Carlson (1977), baseada na estrutura argumental diferente. Assim, os predicados de *fase*

(correspondentes aos predicados episódicos em Raposo, (2013)) poderão ser acompanhados de uma posição argumental específica que remete para a sua localização espaço-temporal. Pelo contrário, os predicados de *indivíduo* (correspondentes aos predicados estáveis em Raposo, (2013)) não têm tal argumento. Vejamos os exemplos:

- (17) a. *A Terra é/foi redonda ontem/durante a semana passada.
b. *O Lúcio foi alto desde segunda à quarta.
c. *A Maria é/foi (uma) jornalista esta manhã.
- (18) a. O António estava/esteve doente ontem/ durante toda a semana.
b. Este livro esteve na mesa ontem/desde sábado até terça.

Em (17a,b,c), por se tratar de um estado permanente, uma característica de próprio sujeito, não é adequado acrescentar um modificador temporal. Porém, se um predicado de *indivíduo* se combinar com um locativo, passa a funcionar como um predicado de fase: é assim que (17c) pode ter a leitura de estado temporário.

Com efeito, a possibilidade de expressões temporais e espaciais poderem modificar predicados de fase, mas não predicados de *indivíduo*, está relacionada com uma variável de tipo eventivo introduzida por aqueles predicados. Quando algo é permanente e é uma propriedade própria, as localizações espaço-temporais não têm cabimento.

3.2. *Ser*

Nos livros didáticos, diz-se que *ser* é um verbo que exprime sempre situações ou estados permanentes. No entanto, Raposo (2013) estabelece a distinção entre **estado estável permanente** e **estado estável não permanente**. Esses dois estados descrevem propriedades que acompanham o *indivíduo* num longo tempo da sua vida, mas um

estado estável pode mudar e por isso ser não permanente. Vejamos os seguintes exemplos:

- (19) a. O Rui é jovem
b. * O Rui está jovem
- (20) a. Ele é médico.
b. * Ele está médico.
- (21) a. Ele é português.
b. * Ele está português.
- (22) a. Ele é de Angola.
b. * Ele está de Angola.
- (23) a. A mesa é redonda.
b. * A mesa está redonda.

Pode assim verificar-se que estes contextos admitem apenas o verbo *ser*. A juventude, a profissão e a nacionalidade (19)-(21) são estados estáveis, o que justifica a agramaticalidade de *estar*, mas não permanentes, já que uma pessoa não é jovem toda a vida e a profissão e a nacionalidade podem ser alteradas.

Embora algumas propriedades se apliquem a períodos limitados e distintos da vida de um indivíduo, são, no entanto, perspectivadas como independentes das situações particulares em que as pessoas se encontram. (Raposo, 2013: 1307)

Assim, (19)-(21) denotam um estado estável não permanente. Pelo contrário, um predicado de naturalidade, como (22a) “ser (natural) de Angola”, denota um estado estável e permanente, já que não é possível alterar o local onde uma pessoa nasceu. Também (23a) denota um estado imutável. Há, pois, razões para se estabelecer a distinção entre estados estáveis permanentes e estados estáveis não permanentes.

De outra perspetiva, Cunha (1998, 2004) redefine os predicados do indivíduo (correspondentes ao estado estável em Raposo (2013)) distinguindo dois grupos: os **estados faseáveis** e os **estados não faseáveis**.

Na realidade, predicacões envolvendo o verbo *ser*, que atribuem, por conseguinte, de forma directa, propriedades a indivíduos, tanto podem ser “faseáveis” (i.e., convertíveis em processos), como “não faseáveis” (i.e., de integração praticamente impossível na Rede Aspectual). (Cunha, 1998: 139)

Estados faseáveis e não faseáveis distinguem-se entre si por os primeiros poderem ocorrer em construções progressivas (*estar* a + INF) e os segundos não. Consideremos os seguintes exemplos (Cunha, 1998: 140):

- (24) a. A Maria está a ser simpática. (estado faseável)
b. O João está a ser impertinente. (estado faseável)
c. *O Zé está a ser português. (estado não faseável)
d. *A mesa está a ser redonda. (estado não faseável)

Nota-se que os estados que marcam a identidade ou a propriedade inerente são estados não faseáveis (24c, d): não se pode mudar essa identidade ou propriedade e, consequentemente, esses estados não faseáveis não têm a possibilidade de se combinar com progressivo. Já as qualidades de (24a, b) podem mudar, pelo configuram um estado não permanente e, por isso, faseável.

Concluindo, embora ambos selecionem o verbo *ser*, não podemos confundir estados estáveis permanentes e estados estáveis não permanentes. Conceptualmente mais marcados, os estados estáveis não permanentes são os que podem mudar, como a nacionalidade (*ser português*), a profissão (*ser médico*), uma característica corporal (*ser gordo*).

3.2.1. As orações copulativas identificadoras

Outras construções que exigem a presença do verbo *ser* são as orações copulativas identificadoras. A maior característica que esta oração tem é que “a predicacão identifica o indivíduo representado pelo sujeito como sendo o portador exclusivo da propriedade individual definida pelo SN predicativo” (Raposo, 2013: 1318). Vejam-se os exemplos:

- (25) a. A Maria é *a minha professora de Português*.
b. Aquele jovem ali sentado é *o aluno da Católica*.
c. Ele é *o assassino do João*.

Nestes exemplos, o sintagma nominal predicativo (em itálico) descreve uma propriedade que faz sobressair o sujeito enquanto indivíduo, e não como simplesmente uma característica geral. Aliás, o uso do artigo definido no sintagma nominal predicativo permite inferir que essa propriedade se aplica a um só indivíduo. O constituinte predicativo de (25a-c) não classifica propriamente o indivíduo referido pelo sujeito como pertencendo a uma classe geral, mas identifica-o como sendo portador de tal propriedade. Assim, em (25a) identifica-se *a Maria* como o único e específico indivíduo, que é *professora de português* do locutor. Nas copulativas identificadoras, o sujeito e o predicativo podem ocupar posições inversas:

- (26) a. *A minha professora de Português* é a Maria.
b. *O aluno da Católica* é aquele jovem ali sentado.
c. *O assassino do João* é ele.

Não obstante a alteração da posição, o significado de (25) e (26) é idêntico. Há, no entanto, diferenças funcionais e pragmáticas: o constituinte referencial de (26) é o predicativo, ao passo que o constituinte referencial de (25) é o sujeito.

O verbo *ser* usa-se também para exprimir a localização temporal de um momento determinado, principalmente nos enunciados em que o momento localizado é o da própria enunciação. Vejamos os exemplos:

- (27) a. São três da tarde.
b. É segunda-feira.
c. É Natal.

Por que é que usamos o verbo *ser* quando o tempo indicado em (27) está sempre a mudar? A razão é simples: o tempo indicado em (27) é o tempo do enunciado e esse

tempo é único e não volta a acontecer. Trata-se, pois, de um estado estável, enquanto tempo do enunciado, e não estado episódico.

3.3. *Estar*

Utiliza-se o verbo *estar* para exprimir estados físicos e psicológicos ocasionais, que não fazem parte da natureza própria dos seres e dos objetos. Ao contrário da semântica e pragmática do verbo *ser*, “[o] verbo *estar* perspetiva o estado em que se encontra uma entidade como sendo durativo mas limitado temporalmente” (Raposo, 2013: 1309). Vejam-se os seguintes exemplos, em que só pode ocorrer o verbo *estar*:

- (28) a. A Maria está cansada.
b. *A Maria é cansada.
- (29) a. Está bom tempo.
b. *É bom tempo.
- (30) a. Ela está grávida.
b. *Ela é grávida.
- (31) a. O António está sem dinheiro.
b. *O António é sem dinheiro.

Como podemos ver nos exemplos (28)-(31), todas as orações descrevem um estado episódico. O uso de alguns adjetivos ou nomes, ao combinar com o verbo *estar*, contribui para uma expressão temporária. O exemplo (28b) é agramatical porque o adjetivo *cansado* não implica um estado permanente. Em (29), obviamente que o tempo é um estado imprevisível e mutável, pode ser bom ou mau, fazer sol ou chuva, não se combinando portanto com o verbo *ser*. Em (30) *estar grávida*, apesar de ser um estado durativo, tem um tempo limitado. Não se usa o verbo *ser* porque não é uma propriedade de um indivíduo, mas um estado. E em (31), *sem dinheiro* é uma situação que pode ser alterada, podendo melhorar ou até piorar.

3.3.1. verbos copulativos no uso locativo

São mais evidentes as diferenças entre *ser* e *estar* em construções locativas. Como se ilustra em (32) e (33), *ser* é usado para localização espacial de entidades concretas ou atividades, ao passo que *estar* descreve uma situação eventiva.

- (32) a. O jogo é no Estádio da Luz.
b. A festa foi na casa da Ana.
c. O lançamento do novo livro será na biblioteca Lúcio Craveiro.
- (33) a. O João está no Estádio da Luz.
b. O cão da Lisa esteve na casa da Ana.
c. A garrafa está em cima da mesa.

Como podemos verificar, o que determina a opção por *ser* ou por *estar* nas construções locativas não é o constituinte predicativo mas o sujeito. É o próprio sujeito quem seleciona o verbo *ser* ou o verbo *estar*. Assim, quando o sujeito de uma construção locativa tem o traço de [+humano], [+animado] ou objeto [+concreto], como em (33), pode mudar, sendo pois o estado em que se encontra não permanente. É pois com o verbo *estar* que este tipo de sujeito se vai combinar. Pelo contrário, o sujeito de (32) denota atividades e as atividades não têm a capacidade de se alterar a si mesmas. Uma vez estabelecida uma atividade, ou se realiza ou não se realiza, pelo que a construção locativa de atividades só pode selecionar o verbo *ser*.

Vejamos outros exemplos em que só se aplica o verbo *ser* nas construções locativas:

- (34) a. Lisboa é/*está em Portugal.
b. A minha casa é/*está na rua de D. Afonso.
c. O palácio da Pena é/*está em Sintra.

Verifica-se de novo que são as propriedades semânticas do sujeito que determinam a escolha do verbo nas frases locativas. Quando o sujeito designa um lugar, um evento, uma instituição ou o edifício que acolhe uma instituição, a sua localização espacial é

expressa pelo verbo *ser*⁵, o qual contribui para um significado de permanência ou de evento fixo.

Podemos assim concluir que os verbos copulativos, no seu uso locativo, selecionam no sujeito **uma dimensão semântica muito próxima** daquela que distingue entre estado permanente e estado episódico.

⁵ A mesma construção locativa pode ser expressa pelo verbo copulativo *ficar*, o qual marca uma localização espacial mais concreta e específica.

Capítulo 4 – Construção progressiva (*estar a* + infinitivo)

O verbo *estar*, para além do uso como verbo copulativo, é frequentemente usado como um verbo auxiliar. Este é sem dúvida um dos verbos de maior produtividade na língua portuguesa. Descreve, por um lado, situações temporárias e, por outro lado, ganha outros sentidos em combinação com outros verbos.

As denominadas Construções Progressivas, tipicamente realizadas através de “*estar a* + Infinitivo”, na Norma Padrão do Português Europeu, ou *estar* + Gerúndio, em certas variedades do Alentejo e no Português do Brasil, não só são possíveis com praticamente todos os Tempos Gramaticais admitidos nesta língua, mas também parecem poder ocorrer com a (quase) totalidade das classes aspectuais de predicções. (Cunha, 1998: 54)

Esta construção manifesta diversas propriedades que permitem fundamentar estruturas tipicamente estativas. Na verdade, parece ser possível sustentar que um dos efeitos mais relevantes do Progressivo é o de tornar estativas as situações em que ocorre. O verbo *estar* na sua construção progressiva desempenha a função de modificador da frase, marcando a diferença de sentido e mostrando os diversos valores aspetuais.

- (35) a. O João *vive* com os pais.
b. O João *está a viver* com os pais.
- (36) a. Ele *gosta de* comer chocolate.
b. Ele *está a gostar de* comer chocolate.

No exemplo (35a), *viver* implica um estado permanente. Pelo contrário, (35b) denota um estado temporário, claramente expresso pelo verbo auxiliar *estar*. Também (36a) denota um estado habitual e permanente, ao passo que (36b) descreve o início de um novo estado, isto é, antes não gostava de chocolate, mas com a repetição continuada passou a ter esse prazer. Este ponto de viragem mostra uma progressão da própria ação. Portanto, *estar a* implica um aspeto progressivo, tendo um valor iniciativo e tentativo.

- (37) a. A Maria *está* gorda.

- b. A Maria *está a ficar* gorda.
- c. *A Maria *está a estar* gorda.

Em (37a), *estar gorda* denota um estado episodicamente definitivo, implica um resultado temporal duma característica do indivíduo. Em (37b), *estar a ficar gorda* denota, não um resultado, mas o processo de ser gorda, **parafraseável pelo advérbio “cada vez mais”**, contendo portanto um valor progressivo. (37c) configura uma redundância e uma incompatibilidade, já que o verbo copulativo *estar* não pode ser auxiliado pelo verbo *estar*.

- (38) a. A cerimónia *começa* agora.
- b. A cerimónia *está a começar*.

Em (38b) *estar a começar* destaca uma duração antes do seu começo. Tendo um sentido de “quase” a começar, mas ainda não começou, implica uma preparação para a iniciação da ação, em vez de algo que já acontece como no exemplo (38a). Por outras palavras, (38b) exprime o valor aspetual iminencial.⁶

Porém, a combinação com os verbos télicos e pontuais nas construções progressivas dá ao enunciado o valor de estado durativo, como nos exemplos (39).

- (39) a. O João *está a chegar*.
- b. O Luís *está a acabar* o seu trabalho.
- c. A Fámita *está a morrer*.

Por outro lado, a combinação com os verbos atélicos (exemplo 40), os quais perspetivam na sua ação um processo durativo, faz com que esta se torne habitual e repetitiva. Portanto aqui o verbo *estar* recebe outros valores aspetuais, continuativo e habitual:

- (40) a. O Paulo *está a andar* no curso de tradução.

⁶ Para vários tipos de aspetos, veja-se (Cunha, 2013)

- b. Ele *está a fumar* um cigarro por dia.
- c. Ele *está a jogar futebol* uma vez por semana.

Como vimos nos exemplos anteriores, o verbo auxiliar *estar a* pode-se combinar com quase todos os verbos em infinitivo exceto o próprio verbo *estar*. Já o mesmo não acontece com o verbo *ser*.

- (41) a. O João é alto.
b. *O João está a ser alto.
- (42) a. A Maria é médica.
b. *A Maria está a ser médica.
- (43) a. O Luís é simpático.
b. O Luís está a ser simpático.
- (44) a. A Luísa é bonita.
b. A Luísa está a ser bonita.

Curiosamente os exemplos de (41a), (42a), (43a), e (44a) são também predicados de indivíduo, indicando uma característica ou propriedade duma pessoa. Porém, qual é a razão que impede os estados de se combinarem com o Progressivo? Cunha (1998) propõe, como vimos no capítulo anterior, o conceito de *faseabilidade*, isto é, os estados que têm a possibilidade de assumir várias “fases” no seu processo são estados faseáveis.

Os estativos que permitem a comparência de “fases” no interior da sua estrutura temporal, passando, por conseguinte, a processos, receberão o traço [+faseável]; os que, pelo contrário, não suportam uma tal alteração do “perfil” aspectual básico ostentam o traço [-faseável]. Torna-se, contudo, imprescindível sublinhar, mais uma vez, que estas categorias representam somente os extremos de uma gradação, que comporta diferentes hipóteses intermédias, e não as duas únicas possibilidades classificatórias disponíveis para as predicções em questão. (Cunha, 1998: 352)

Os estados exemplificados em (41) e (42) (*ser alto* e *ser médica*) dificilmente serão objeto de mudança, pelo que são não faseáveis, em contraste com os exemplos (43) e (44), que denotam estados faseáveis.

Assim, **predicações** com o verbo *ser*, que atribuem de forma direta propriedades a indivíduos, tanto podem ser faseáveis como não faseáveis.

Chama-se **orações passivas verbais** às orações em que ocorre um grupo verbal complexo iniciado pelo verbo auxiliar *ser* seguido de um particípio com estatuto verbal correspondente ao verbo pleno da oração ativa. (Duarte, 2013: 437)

Vejam-se mais exemplos:

- (45) a. A Ana organizava festas do Natal.
b. As festas do Natal eram organizadas pela Ana.
- (46) a. O João vendeu uma guitarra.
b. Uma guitarra foi vendida **pelo** João.
- (47) a. O Pedro telefonou à Maria.
b. *A Maria foi telefonada pelo Pedro.

Novamente, (45) e (46) descrevem a mesma situação da realidade, mas de perspetivas conceptuais diferentes: a perspetiva que destaca o papel do agente (45a, 46a) e a perspetiva que destaca a afetação do paciente ou tema (45b, 46b). O exemplo (47) não admite a construção passiva, porque o verbo *telefonar* não selecciona complemento direto.

A construção passiva com o auxiliar *ser* descreve situações dinâmicas, em que uma das entidades envolvidas sofre alguma mudança, ou seja, descreve tipicamente eventos e não estados.

Além disso, há outras restrições morfossintáticas que complementam a voz passiva. Quando um verbo contém duas formas de particípios, uma regular e outra irregular, é usada a forma irregular para as orações passivas, como é ilustrado (48):

- (48) a. A carta foi entregue/*entregada pelo Mário.
b. Dois assaltantes foram presos/*prendidos pela polícia.
c. O jantar foi pago/*pagado pelo amigo da Ana.

Por outro lado, nem todas as situações descritas linguisticamente através de construções ativas se podem transformar na construção passiva. Considerem-se os seguintes exemplos:

- (49) a. *20 anos *foram tidos* pelo João. (O João tem 20 anos.)
b. *Um gato *era possuído* pelo Pedro. (O Pedro possuía um gato.)
c. *O mapa do museu *foi contido* por este cofre. (Este cofre conteve o mapa do museu.)

Verifica-se que os verbos estativos de posse e de capacidade exemplificados em (49a-c) **não admitem a voz passiva**. O mesmo ocorre em (50).

- (50) a. *Cem metros foram corridos por ele. (Ele correu cem metros.)
b. *Vinte kilos são pesados por este saco. (Este saco pesa vinte kilos.)
c. *Três anos são feitos hoje pelo filho da Lisa. (O filho da Lisa faz hoje três anos.)

Os verbos de (50a-c), apesar de serem usados em construções transitivas, estão excluídos das orações passivas. A razão tem a ver com o facto de estes verbos selecionarem um argumento obrigatório de quantidade, semanticamente incorporado no verbo, o que faz com que estes verbos sejam *pseudotransitivos* (Gonçalves & Costa, 2002: 58-61).

5.2. *Estar* na voz passiva

Há outras orações passivas que se constroem com o verbo *estar* para descrever uma situação estativa ou resultativa, diferentemente do valor do verbo *ser*. Os participípios passados têm também uma função de adjetivo. Combinando-se com *estar*, muitos participípios verbais usados adjetivamente são também classificados como estado episódico:

- (51) a. A porta *está fechada*.
b. A ponte *está destruída*.
c. Ele *está irritado*.

Os exemplos (51a-c) mostram que o verbo *estar*, combinado com um participípio passado, exprime um estado definitivo, uma ação concluída, configurando assim um valor resultativo.

Como referido anteriormente, para se construir a passiva, exige-se um verbo transitivo direto. Porém, nem todos os casos em que se utiliza o verbo *estar* se constrói uma oração passiva correta. Comparemos os seguintes exemplos:

- (52) a. O João ofereceu um presente ao professor.
b. Um presente foi oferecido ao professor pelo João
c. ?Um presente está oferecido.

- (53) a. A Ana consertou o relógio.
b. O relógio foi consertado pela Ana.
c. O relógio está consertado.

Os verbos *oferecer* e *consertar* são aspetualmente distintos. O verbo *consertar* designa um evento télico. “Uma situação é télica se contém intrinsecamente um limite terminal próprio, que se constitui como uma fronteira final que determina a sua conclusão.” (Cunha, 2013: 589).⁷ A construção passiva com *estar* seleciona participípios participípios de verbos que denotam situações télicas. Neste caso, a entidade passa a um novo estado, chamado **estado resultativo** ou **estado consequente**. (Cunha, 2013: 595-603).

- (54) a. Os trabalhos foram feitos por ele. (Ele fez os trabalhos.)
b. Os trabalhos estão feitos.
- (55) a. Os assaltantes foram presos. (Os polícias prenderam os assaltantes.)
b. Os assaltantes estão presos.

Os exemplos (54) e (55) mostram que tanto *ser* como *estar* podem ocorrer na passiva. Em (54a), usa-se *ser* para destacar a **mudança operada** pelo agente. Em (54b), usa-se *estar* para **apresentar uma situação** estativa, desconectada de qualquer processo

⁷ Vendler (1967) distingue dois tipos de situações télicas: 1. *eventos prolongados* “accomplishments”, situações télicas e durativas, como *escrever um livro, resolver um problema*. 2. *eventos pontuais* “achievements”, situações télicas e pontuais, como *nascer, morrer, perder algo*.

de mudança e, portanto, do seu agente. O mesmo se passa em (55). A passiva verbal *foram presos* permite focalizar o evento na sua mudança, ao passo que a passiva de *estar* focaliza apenas o novo estado, desligado do processo que lhe deu origem.

O valor aspetual é outra das características de natureza semântica que distingue os dois tipos de passivas. Enquanto a passiva de *ser* tem valor eventivo, a passiva com *estar* tem valor estativo. (Estrela, 2013: 24)

Parte II

Capítulo 1 – Âmbito do estágio

1.1. A Universidade

Optámos por realizar a prática pedagógica referente ao ano letivo 2018/2019 na Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais (FFCS) da Universidade Católica Portuguesa, por já mantermos com ela um contato de quatro anos e por termos todas as condições para realizar o estágio em ensino do português como língua não materna. O conhecimento implícito do Departamento (alunos, professores, funcionários e a sua dinâmica funcional) e da cidade de Braga facilitou a realização da tarefa pedagógica.

A Universidade Católica Portuguesa é uma universidade privada, de interesse público e alcance internacional, que recebe alunos de vários países e continentes e oferece formações dos três ciclos de estudo em diversas áreas científicas, tendo a sua sede em Lisboa e *campi* em Lisboa, Braga, Porto e Viseu. O Centro Regional de Braga integra a Faculdade de Filosofia e de Ciências Sociais e a Faculdade de Teologia.

1.2. A aula de Português

Tivemos a oportunidade de lecionar a unidade curricular de Língua Portuguesa no chamado “ano zero”, curso de preparação para as licenciaturas da FFCS. Este curso é frequentado por alunos estrangeiros, especialmente dos PALOP, com contato relativamente escasso com o português.

Foi convidada pela FFCS a Dra. Joana Coelho para ser a nossa orientadora de estágio. É professora do Ensino Secundário, profissionalizada em Língua e Literatura e licenciada em Filosofia e Humanidades pela Faculdade de Filosofia da UCP. Leciona atualmente Português no Instituto Nun’ Alvres, em Santo Tirso.

A unidade curricular de Língua Portuguesa é lecionada, no primeiro semestre, pela professora coordenadora Dra. Joana Coelho e, no segundo semestre, pelos nove professores estagiários. Foi elaborado e desenvolvido um programa de língua e cultura portuguesas diversificado e adaptado ao nível de proficiência em português língua não materna e às necessidades dos alunos que frequentaram a referida unidade curricular. Os professores estagiários lecionaram diversos conteúdos, nomeadamente o domínio da escrita, o uso das conjunções e outros temas gramaticais e tópicos de cultura portuguesa. A nossa parte focalizou-se num tópico gramatical de grande importância para os alunos de português como língua não materna, justamente o uso dos verbos *ser* e *estar*.

1.3. A turma

A turma é composta, em ambos os semestres, por 20 alunos, provenientes de países africanos de língua portuguesa, designadamente Angola, Guiné-Bissau e Timor-Leste. Com idades compreendidas entre os dezanove e os vinte e cinco anos, alguns têm o português como a língua segunda e outros como língua estrangeira. O nível de proficiência em português dos alunos é variável: entre A2 e B1, de acordo com a classificação e os parâmetros do QECRL. Os alunos de Angola possuem um domínio de português relativamente alto, principalmente ao nível da oralidade e em conhecimentos gramaticais, ao passo que os alunos da Guiné-Bissau e de Timor-Leste têm mais dificuldades, quer na expressão oral quer na expressão escrita.

Particularmente no segundo semestre, período em que os professores estagiários lecionaram, verificou-se uma diminuição acentuada de alunos presentes nas aulas e, além disso, com muita variação quer do número de alunos quer dos próprios alunos. Muitas das aulas dos estagiários não tiveram mais do que 6 ou 8 alunos e várias aulas foram iniciadas com a presença de apenas um ou dois alunos. Os alunos diferem

também em participação e empenhamento, destacando-se um grupo de apenas três alunos como mais participativos.

Os alunos da turma ficaram a conhecer-se nesta unidade curricular, tendo-se tornado gradualmente próximos e unidos. Em geral, gostam muito de participar em atividades de grupo e apreciam as aulas que envolvem jogos, competições e vídeos.

1.4. Observações de aulas e outras experiências de âmbito académico

No total foram lecionadas pela professora estagiária deste Relatório 4 aulas, no segundo semestre, tendo duas a presença do Supervisor e Orientador deste Relatório, o Prof. Doutor Augusto Soares da Silva.

Trabalharam-se essencialmente as diversas construções que envolvem os verbos *ser* e *estar*, em articulação com o tema escolhido para o presente Relatório.

Durante o processo de estágio, tivemos oportunidade de observar quarenta unidades letivas, das quais dez foram lecionadas pela professora coordenadora da turma e trinta pelos professores estagiários.

Esta atividade permitiu observar o funcionamento de uma aula, praticando e consolidando, sobretudo, metodologias para a definição de estratégias didáticas e para a planificação e a distribuição de conteúdos, recurso a diferentes materiais e técnicas para captar o reforço da motivação, atenção e participação ativa dos alunos.

No ensino da gramática do português, a maior parte dos docentes privilegiou uma abordagem dedutiva, isto é, explicou primeiro a “regra” gramatical e, só depois, trabalhou o uso do fenómeno gramatical. Entendemos que esta abordagem tradicional não é a mais eficiente, porque limita a apreensão do uso efetivo do fenómeno gramatical quer relativamente à diversidade de contextos quer, e sobretudo, aos valores semânticos e pragmáticos necessariamente envolvidos no fenómeno gramatical. Por outras palavras, o ensino da língua deve respeitar a língua tal como ela é – uma atividade intersubjetiva

e não um código ou sistema abstrato. Tal como o estudo científico da linguagem deve orientar-se por uma metodologia baseada no uso efetivo da língua, como salientámos na primeira parte deste Relatório, também o ensino da língua (tanto materna como não materna) deve privilegiar a metodologia indutiva (embora a metodologia dedutiva seja também necessária) e, sobretudo, um ensino da língua em uso.

As aulas que trataram de temas da vida dos alunos, como por exemplo as festas académicas, foram mais vivas, tendo os respetivos docentes utilizado diversos materiais práticos, o que foi relativamente inovador e captou a atenção dos alunos.

A lecionação das aulas pelos estagiários foi geralmente seguida de análise crítica. Aí o Supervisor, sempre que presente, e o Orientador fizeram sempre comentários detalhados a diversas componentes da aula observada, críticas construtivas e importantes sugestões de melhoria, tendo também os colegas e o próprio estagiário participado nessa avaliação. Estes momentos de comentário e análise crítica foram da maior importância para a melhoria do nosso desempenho pedagógico e didático e de todos os meus colegas.

Capítulo 2 – Metodologia de ensino dos verbos *ser* e *estar* na aula de português como língua não materna

Segundo o *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas* (2001) (QECRL), os aprendentes do nível A1 e A2 conseguem adquirir a flexão verbal e o uso dos diferentes tempos do verbo. Quanto chegam ao nível B1, têm a capacidade de produzir um discurso simples e coerente sobre assuntos de interesse pessoal ou da família. Neste caso, é inevitável que se expressem com verbos mais produtivos em português, como os verbos *ser* e *estar*. Assim, escolhemos esses dois verbos como objeto gramatical das aulas lecionadas por esta professora estagiária, adaptámos o conteúdo gramatical ao nível dos nossos alunos (A2 e B1) e procurámos explicar as dimensões semântica e pragmática de *ser* e *estar* nas diversas construções em que participam, nomeadamente construções copulativa, passiva e progressiva. Desenvolvemos com mais detalhe, em explicação linguística e em exercícios, a parte relativa às diferenças entre *ser* e *estar*, particularmente os contextos que selecionam apenas um destes verbos e os contextos que selecionam ambos, visto que é este o tópico que suscita mais dificuldades a um aprendente de português como língua não materna.

Durante as aulas lecionadas, privilegiámos, como já referimos, a metodologia indutiva no ensino dos verbos *ser* e *estar*.⁸ Com base em interações verbais quotidianas, levámos os alunos a descobrir os valores semânticos e pragmáticos “escondidos” no uso dos verbos e das construções em que participam. Deste modo, os alunos ficaram a

⁸ O método indutivo parte da observação da experiência e do uso. Nunan (1998), citado por Ferreira (2013: 35), reforça a necessidade em se utilizarem técnicas indutivas para o ensino da gramática, detendo-se na argumentação de que o ensino tradicional preconiza uma abordagem estritamente linear, em que as estruturas são trabalhadas uma a uma, afastando-se do foco principal de uma língua que é a interação verbal. Observando aulas de gramática orientadas pelas duas metodologias (indutiva e dedutiva), Ferreira (2013: 37-38) verificou que há mais vantagens na abordagem indutiva que na abordagem dedutiva, defendendo, ao mesmo tempo, que é importante pôr o aluno no centro do processo de ensino/aprendizagem.

perceber com clareza as diferenças aspetuais entre os dois verbos e quando se pode ou não usar cada um deles.

Para motivar mais os alunos para um tópico que à partida chama pouco a sua atenção, como é o caso em geral de todos os tópicos gramaticais, foram usadas estratégias lúdicas. Foram planeados dois jogos em aulas diferentes e aplicados no momento de revisão e consolidação da matéria gramatical lecionada. Foram jogos em grupo: o primeiro centrou-se na transformação de enunciados da voz ativa para voz passiva e o segundo consistiu na procura de erros nas duas construções. Preparámos marcadores com números para cada grupo, para assim conseguirmos uma ordem/atividade organizada. Atribuímos pontuações mais elevadas às primeiras respostas corretas. Esta modalidade competitiva incentiva muito a participação ativa dos alunos, indispensável para o ensino de uma língua estrangeira. Através do jogo, desenvolvemos a *competência comunicativa*⁹ e participativa dos alunos, bem como a colaboração entre grupos.

A nível dos materiais utilizados, fizemos uso generalizado das novas tecnologias, como o computador e o projetor, e utilizámos o *PowerPoint* para a atividade lúdica com os verbos *ser* e *estar*, acima referida. Também foi utilizado o suporte em papel para apresentação de textos com exercícios impressos e distribuídos aos alunos. A partir da segunda aula, foi proposto trabalho de casa, levando os alunos a consolidarem a matéria lecionada e podendo a docente verificar a evolução dos mesmos. Os exercícios feitos pela docente para as quatro aulas foram retirados e adaptados de livros pedagógicos, nomeadamente *SOS Português! Língua Não Materna* (Porto Editora), *Guia Prático de*

⁹ Foi o linguista Hymes (1972) o primeiro a utilizar a expressão “competência comunicativa”, tendo o conceito sido, mais tarde, desenvolvido por Canale & Swain (1980) e outros linguistas. Atualmente, o *QECL* (2001) apresenta, além das competências gerais, as seguintes competências: (i) competências linguísticas que abarcam as competências lexical, gramatical, fonológica etc.; (ii) competências sociolinguísticas, relacionadas com os marcadores discursivos, as normas de cortesia e as expressões de sabedoria popular; e (iii) competências pragmáticas, que correspondem à competência discursiva e à competência funcional.

Verbos com Preposições (LIDEL) e *Breve Gramática do Português Contemporâneo*
(Celso Cunha & Lindley Cintra).

Capítulo 3 – Unidades letivas

Apresentam-se, de seguida, os resultados das 4 aulas lecionadas relacionadas com o tema deste Relatório. Por se tratarem de resultados de atividades realizadas, pretende-se com este capítulo (i) apresentar as planificações elaboradas pela docente durante este semestre; (ii) mostrar **como esta temática** - o uso dos verbos *ser* e *estar* - foi abordada na sala de aula; e (iii) desenvolver **comentários e reflexões** sobre as motivações, materiais, finalidades e resultados associados à metodologia e prática letiva da docente.

3.1. Aula n.º 1

Tema: A distinção entre os verbos *ser* e *estar*

Domínios: Gramática

Anexos: 2 (Anexo 1-2)

Objetivos:

1. Diferenciar a oração copulativa da oração simples.
2. Identificar a função de 2 verbos copulativos (*ser* e *estar*)
3. Reconhecer o estado estável e o estado episódico.
4. Distinguir o uso de *ser* e *estar* em diferentes construções.

Nesta primeira aula, para fazer uma ligação com as aulas seguintes, foi escolhido o tópico central da distinção aspetual entre *ser* e *estar*. Demos a conhecer os diferentes estados e os seus valores aspetuais. As aulas seguintes ocupam-se das diferentes construções que envolvem estes dois verbos.

3.1.1. Desenvolvimento da aula

A aula começou com 15 minutos de atraso. No início estavam apenas seis alunos, tendo comparecido no total 12 alunos. Os alunos chegaram atrasados. A docente

começou por fazer perguntas para levar os alunos a pensarem sobre **função** do verbo. Seguidamente, fez uma apresentação breve da oração simples e da oração copulativa.

A seguir, entrou na parte da distinção aspetual entre *ser* e *estar*. Os alunos mostraram-se muito empenhados e atentos. A docente explicou as **diferenças aspetuais** entre *ser* e *estar*, **não** em termos de regras ou categorias fixas, mas levando os alunos a perceber o significado de cada um dos verbos e as razões do seu uso. Comparando com a abordagem deste conteúdo nos manuais didáticos, acreditamos que desenvolvemos uma abordagem diferente, motivadora e eficiente de ensino do uso de *ser* e *estar* a aprendentes do português como língua não materna.

Depois de uma série de explicações claras, a docente pediu aos alunos para fazerem uma ficha de exercícios. O objetivo era, depois de a completarem, pedir a cada um para responder com uma frase do exercício e indicar os respetivos estados. Todavia, a falta de tempo levou a docente a ler os enunciados para que os alunos respondessem em voz alta.

3.1.2. Observação

- 1) Como alguns alunos chegaram atrasados, não ouviram a parte da oração simples e da oração copulativa, pelo que, quando a docente queria avançar, os alunos atrasados ainda estavam a passar os exemplos do quadro. Então a docente parou e aproveitou este tempo para voltar a **falar brevemente da distinção**.
- 2) Os alunos estavam muito atentos e concentrados na aula, principalmente na **distinção** entre *ser* e *estar*. Sempre que a docente fazia uma pergunta, havia sempre **alguém a responder**. Isso mostra **que a matéria** os estava a interessar e que eles queriam aprender.
- 3) O conteúdo de que os alunos mostraram **mais dúvidas** foi a **diferença entre *estado estável permanente* e *estado estável não permanente***. No entanto, depois da

explicação, ficaram elucidados e a conhecer uma nova componente no uso dos verbos *ser* e *estar*, inexistente nos manuais didáticos.

- 4) Dada a restrição do tempo, nem todos conseguiram intervir na aula.

3.1.3. Auto-avaliação

Como o tema da aula consistia no objetivo principal da sua investigação, a docente esteve clara e segura na explicação da matéria gramatical. Houve muita interação com os alunos. Lançou sempre perguntas e pediu aos alunos para darem exemplos. Entre os aspetos menos positivos, há a destacar o atraso dos alunos e um ou outro pormenor de gestão do tempo. Porque a explicação da distinção aspetual entre *ser* e *estar* implicou bastante tempo, a docente não teve tempo de analisar as construções locativas que envolvem estes verbos.

3.1.4. Conclusão

Notou-se que os alunos sabiam usar os verbos *ser* e *estar* e até os usaram com facilidade, mas não sabiam as razões do seu uso e da sua distinção, muito menos explicitar o seu significado. Os alunos puderam assim perceber os significados dos dois verbos, a sua distinção aspetual e os contextos de seleção obrigatória de um deles ou de ambos. Como nunca tinham refletido sobre o significado de *ser* e *estar*, ficaram entusiasmados com o que descobriram e como a língua consegue estabelecer diferenças conceptuais tão importantes e de um modo tão económico. A explicação da distinção aspetual dos verbos *ser* e *estar* foi a parte que demorou mais tempo na aula. Como se tratava da dimensão mais importante deste fenómeno gramatical, valeu a pena dedicar mais tempo a esta parte. Nas aulas seguintes, a gestão do tempo será um fator a prestar maior atenção.

3.2. Aula n.º 2

Tema: A voz passiva

Domínios: Gramática

Anexos: 3 (Anexo 3-5)

Objetivos:

1. Diferenciar a oração ativa e a oração passiva.
2. Reconhecer a regra geral da formação da voz passiva.
3. Identificar a passiva de ação e a passiva de estado (na construção de *ser* e *estar*).
4. Conhecer os participípios passados regulares e irregulares.
5. Praticar os géneros e números na construção passiva.
6. Aplicar a regra da voz passiva através de um jogo.

Regra do jogo:

O jogo é sobre a transformação de frases da voz ativa para a voz passiva. Os alunos formam grupos de três para jogar. No início, cada grupo tem duas frases obrigatórias para responder. No caso de responder corretamente, ganha um ponto. A seguir, começa o jogo. Logo que saibam a resposta, os alunos levantam o número do seu grupo e a professora vai indicar o grupo mais rápido para responder. No caso da resposta estar correta, ganha dois pontos; se estiver incorreta, o próprio grupo tem uma penalização de um ponto negativo. Nessa altura, outros grupos podem responder. Se o mesmo grupo for o mais rápido a levantar o número duas vezes, da segunda vez não pode ser o mesmo aluno a responder. No final, o grupo que tiver mais pontos ganha o prémio.

Como os alunos já têm conhecimento de *ser* e *estar* como verbos copulativos, nesta segunda aula, a professora pretendeu que eles compreendessem o uso destes dois verbos como verbos auxiliares e como auxiliares da construção, verificando como estes dois verbos alteram o significado da frase.

O ensino da voz passiva, em duas aulas, levou em consideração o tempo e o nível dos alunos. A primeira aula focalizou-se nos tempos simples e a segunda nos tempos compostos.

3.2.1. Desenvolvimento da aula

Os alunos chegaram novamente atrasados e, pior do que isso, estiveram presentes apenas dois alunos. Consequentemente, o grupo de estagiários a assistir a aula foi convidado pela coordenadora do estágio para serem os alunos da docente.

Para facilitar a atividade da segunda parte da aula, a docente pediu logo no início aos presentes para formarem grupos de duas pessoas e um grupo de três, informando sobre a metodologia do jogo em grupo.

A docente começou por mostrar uma imagem aos alunos e pediu-lhes para a descreverem. Uma vez que a imagem contém dois protagonistas, os alunos foram levados a responder de pontos de vista diferentes, isto é, na perspectiva de um dos protagonistas e na perspectiva do outro. A docente aproveitou, assim, as diferentes perspectivas dos alunos para introduzir a diferença entre voz ativa e voz passiva, desenvolvendo também o conceito de agente e paciente.

Aproveitando o mesmo exemplo, indicou as regras e a formação da passiva em todos os tempos simples. Ao explicar os participios passados, distribuiu uma folha de exercícios com uma lista de participios passados regulares e irregulares. Três alunos leram cada uma das colunas. Após a explicação da regra e dos exemplos, a docente pediu a dois alunos para irem ao quadro escrever exemplos com verbos diferentes, enquanto outros dois transformaram os exemplos dados. Enquanto eles estavam a escrever no quadro, pediu aos outros para lerem a lista de participios para depois competirem no jogo. Assim, evitou-se o tempo desperdiçado.

A segunda parte da aula constou de um jogo competitivo e todos estavam ansiosos por responder. Finalmente, o grupo dos dois alunos reais (os colegas estagiários simularam a condição de alunos) teve mais pontos e ganhou o prémio.

3.2.2. Observação

- 1) Como os alunos formaram grupos no início, todos estiveram atentos durante toda a aula, porque sabiam que a seguir vinha o jogo em grupo e tinham que prestar atenção à matéria.
- 2) A ideia inicial era dividir os alunos em grupos de três, pois era suposto virem cerca de 18 alunos, o que infelizmente não aconteceu.
- 3) Ao efetuar-se a transformação da voz ativa para a voz passiva, notou-se que os alunos não se lembravam da conjugação do pretérito imperfeito e do futuro do verbo *ser*. Assim, a docente reviu com eles a flexão do verbo *ser* em todos os tempos.
- 4) A simulação dos colegas estagiários como alunos da aula foi o expediente necessário para que a aula pudesse funcionar tal como planificado. Obviamente que foi uma solução de recurso e um pouco contraditório para eles. Por um lado, os colegas estagiários queriam dar a oportunidade aos verdadeiros alunos para falarem; por outro lado, pela condição de alunos, tinham de responder às perguntas.
- 5) No jogo, todos estiveram muito atentos e empenhados.

3.2.3. Auto-avaliação

Na explicação das construções ativa e passiva, a docente abandonou a prática tradicional da simples regra de transformação e levou os alunos a prestar atenção às diferentes estratégias de focalização conceptual – ora o papel ativo do agente e o papel passivo do paciente, bem como a relação dinâmica entre agente e paciente (construção

ativa), ora a focalização da mudança e da afetação do paciente (construção passiva) – para assim compreenderem melhor o uso e a diferença (conceptual) entre voz ativa e voz passiva. A explicação foi muito clara e com muito exemplos.

O jogo foi uma boa forma de rever toda a matéria lecionada na aula e verificar se eles a compreenderam, tendo por isso sido uma estratégia eficiente.

Como nesta aula o Supervisor esteve presente, a docente ficou mais nervosa do que na primeira aula. Tentou explicar o fenómeno com toda a exatidão, pois o Supervisor é linguista.

Apesar da falta de alunos, a aula funcionou bem e a matéria foi lecionada conforme planeado. Caso fosse previsível que tantos alunos estariam ausentes, a docente teria preparado materiais diferentes conducentes a motivar todos os alunos (reais e simulados) para a aprendizagem. Mesmo assim, a docente fez muitas perguntas, tornando a aula mais participativa e levando a que todos respondessem.

3.2.4. Conclusão

A aula permitiu que os alunos ficassem a compreender as motivações conceptuais e pragmáticas da construção passiva. Muito mais do que o simples resultado de uma operação de transformação sintática, os alunos passaram a compreender o verdadeiro significado da voz passiva, incluindo algumas estratégias de perspetivação conceptual e as estratégias pragmáticas de desfocalização do agente.

Tendo-se verificado que os alunos PALOP tiveram dificuldade no uso dos participios irregulares, este tópico será reforçado na próxima aula.

3.3. Aula n.º 3

Tema: A voz passiva (com os tempos compostos)

Domínios: Gramática

Anexos: 4 (Anexo 6-9)

Objetivos:

1. Reconhecer a regra da formação da voz passiva.
2. Identificar os tempos compostos (pretérito mais que perfeito composto e pretérito perfeito composto)
3. Diferenciar a passiva de ação da passiva de estado (na construção de *ser* e *estar*).
4. Praticar as categorias de género e número na construção passiva.
5. Consolidar o uso da voz passiva através de um jogo competitivo.

Regra do jogo:

O jogo consiste na **correção** de frases transformadas da voz ativa para a voz passiva. Os alunos formam grupos de três pessoas. No início, cada grupo responde a duas frases. Se a resposta for correta, ganha um ponto. A seguir, começa a competição propriamente dita. Logo que saibam a resposta, os alunos levantam o número do seu grupo e a docente valida a resposta mais rápida. No caso de a resposta estar correta, ganha dois pontos; se estiver incorreta, há uma penalização de um ponto negativo. Nessa altura, outros grupos podem responder. Se o mesmo grupo for o mais rápido a levantar o número duas vezes, da segunda vez não pode ser o mesmo aluno a responder. No final, o grupo que tiver mais pontos ganha o prémio.

3.3.1. Desenvolvimento da aula

Nesta terceira aula, estiveram presentes 16 alunos. Como muitos dos alunos presentes faltaram à última aula, a docente decidiu rever rapidamente a matéria da aula

anterior, particularmente o **significado da construção passiva, a diferença entre a passiva de ação (com *ser*) e a passiva de estado (com *estar*) e o uso dos tempos simples. Seguidamente, a docente trabalhou o conteúdo dos tempos compostos. Tendo em conta as dificuldades dos alunos na compreensão e no uso dos tempos compostos – tópico sempre difícil para aprendentes do português como língua não materna –, a docente explanou, de forma clara e detalhada, o uso do pretérito perfeito composto e do pretérito mais que perfeito composto. Desenhou também uma linha temporal para a explicação destes tempos compostos, com base na qual identificou os valores temporais e aspetuais expressos por estas formas compostas. A seguir, pediu aos alunos para dar exemplos desses tempos verbais e aproveitou esses mesmos exemplos para fazer a transformação da voz ativa para voz passiva. Ao referirem os participípios passados, foi-lhes dada uma ficha para uso dos participípios dos verbos *ter*, *ser* e *estar*. Depois de todos perceberem o significado e o uso da voz passiva, realizou-se o jogo de grupo, idêntico ao da aula anterior, mas com algumas alterações de forma e conteúdo. Os 16 alunos foram distribuídos por 6 grupos grupos de três e dois alunos. A atividade lúdica levou os alunos a corrigir aspetos morfológicos e sintáticos, particularmente tempo verbal, concordância de número e género e construção sintática da frase na voz passiva.**

3.3.2. Observação

- 1) O que foi dado na aula foi muito claro.
- 2) Quando a docente usou os exemplos dos alunos para desenvolver o tema, estes ficaram mais atentos.
- 3) Os alunos não sabiam que o verbo *ser* e o verbo *estar* usados como auxiliares na construção passiva têm um significado aspetual diferente (permanente e temporário,

respetivamente); ficaram assim a reconhecer e a distinguir a passiva de **ação** e a passiva de estado.

- 4) Na **atividade lúdica**, todos se empenharam, porque queriam ganhar o jogo.
- 5) Para tentarem ser **os mais rápidos a responder**, os alunos **levantaram** o marcador logo que a docente mostrou as frases e ainda sem as ler. Os outros grupos acharam injusto e reclamaram. A docente **apercebeu-se desta confusão e mudou de estratégia**. Leu primeiro as frases e depois **contou até três para os membros do grupo poderem** pensar um bocadinho. Entretanto, surgiu outro problema: ao contar **até três**, houve grupos que levantaram o marcador ao mesmo tempo. A docente indicou qual o grupo para responder, e outros acharam que também era injusto e fizeram barulho. Houve **muita confusão** e os alunos ficaram inquietos: **alguns por não terem** oportunidade de responder, outros por ter mudado a regra de contagem.
- 6) Apesar dos contratempos, todos os alunos se mostraram motivados na atividade.

3.3.3. Auto-avaliação

Houve muita interação entre a docente e os alunos. Foram usados os exemplos dos alunos e a **matéria foi explicada** de uma forma muito clara. A docente conseguiu captar a **atenção dos alunos mesmo quando eles estavam na conversa**. A aula desenvolveu-se de forma coerente.

Os pontos menos positivos foram os seguintes: (i) **distribuição das fichas com o conteúdo virado para os alunos**; (ii) regras do jogo mais rigorosas; (iii) **melhor gestão do tempo**: os 15 minutos programados para o jogo, prolongaram-se para cerca de meia hora.

3.3.4. Conclusão

A revisão no início da aula fez com que dois alunos se lembrassem da **matéria**, enquanto os outros aprenderam o **novo conteúdo**. A docente desenvolveu bem a aula e explicou com clareza a parte mais teórica.

O sistema de **jogo** pode ainda **melhorar**. Com este tipo da atividade, é necessário ter regra mais estudadas e rigorosas. **Além disso**, deve-se ter em conta que alguns alunos **são introvertidos e não** querem participar na aula. Assim, a docente deve preparar **estratégias para que todos os alunos intervenham na aula**.

Os alunos mostraram-se ativos e motivados pela atividade e **pelo método que a** docente usou na aula. Apesar de alguma **confusão durante** uma parte do jogo, todos se mostraram atentos e querendo aprender mais. Foi **uma experiência** nova e diferente da anterior.

3.4. Aula n.º 4

Tema: Preposições

Domínios: Gramática

Anexos: 2 (Anexo 10-11)

Objetivos:

1. Reconhecer a função das preposições.
2. Identificar as preposições simples e as locuções prepositivas.
3. Interpretar as diferentes preposições em contexto pós-verbal.
4. Discutir oralmente as ideias sobre o texto.

3.4.1. Desenvolvimento da aula

Nesta quarta aula, participaram 8 alunos e esteve presente o Supervisor, para além da Orientadora e dos colegas estagiários, como sempre acontece nas aulas lecionadas pelos estagiários.

Tendo sido já explanados os significados aspetuais dos verbos *ser* e *estar* e aspetos semânticos, pragmáticos e morfossintáticos das construções passivas, a docente aproveitou a presente aula para levar os alunos a reconhecer o significado e a função das preposições, quer as que se combinam com *ser* e *estar*, sobretudo com o segundo verbo, quer as que são regidas por outros verbos.

A docente começou por introduzir a função das preposições, lançando perguntas aos alunos. Fez com que os alunos compreendessem que as preposições não são palavras semanticamente vazias, antes marcam diversas relações semânticas e sintáticas entre os constituintes da frase. Mostrou depois, sempre com base em exemplos, diferentes significados das preposições, uns mais espaciais, outros mais temporais e

ainda outros mais abstratos. Na parte final da aula, a docente pediu aos alunos para completarem uma ficha de exercícios e fez a correção em conjunto.

3.4.2. Observação

- 1) Durante toda a aula, os alunos estavam muito empenhados e com interesse.
- 2) Nenhum aluno conseguiu explicar a diferença entre *ir a* e *ir para*.
- 3) Todos os alunos intervieram na aula, proporcionando assim um ambiente harmonioso e interativo.
- 4) Os alunos foram mais participativos quando a docente os levou a compreender o significado e o uso de diferentes preposições com um mesmo verbo.
- 5) Os dois alunos que tinham chegado no dia anterior a Portugal foram os que apresentaram mais dificuldades e dúvidas nas preposições.

3.4.3. Auto-avaliação

A explicação foi muito clara. A docente apresentou a matéria de uma forma simples, tendo em conta tratar-se de um tema complexo e abstrato, como é a semântica das preposições. Dessa maneira simples, levou os alunos a ficarem ainda mais atentos e motivados. Usou desenhos na explicação dos sentidos mais abstratos das preposições.

No decorrer da aula, algumas respostas dos alunos não estavam relacionadas com o tópico das preposições. Para os motivar, a docente não rejeitou essas respostas, tendo incentivado os alunos dizendo-lhes “está quase”. Foi uma estratégia muito positiva para motivar a participação dos alunos. De salientar, que a docente interagiu bastante com os alunos durante toda a aula.

Quanto aos aspetos menos positivos, contam-se, por um lado, a falta de síntese na abertura e no encerramento da aula (deveria ter concluído de forma a destacar ainda

mais a importância das preposições) e, por outro lado, o esquecimento da preposição *por*. Só quando dos exercícios é que a docente constatou que lhe faltou falar dessa preposição.

3.4.4. Conclusão

Foi uma aula bastante rica. Especialmente na análise do texto de suporte para a aula, a docente explicou não só o uso das preposições, mas também a construção frásica, os tempos verbais, o quantificador, entre outros aspetos. Foi cumprido o que tinha planeado, quer nas conteúdos, quer na gestão do tempo.

Em comparação com as aulas anteriores, a docente considera ter havido uma grande evolução e uma maior confiança na explicação. Manteve-se a capacidade de controlar a aula e a não existência de tempo morto. Outros aspetos ainda a trabalhar prendem-se com a melhoria da expressão oral em português.

Capítulo 4 – Apreciações sobre o trabalho didático realizado

4.1. Resultados

A partir da segunda aula lecionada, a docente propôs o trabalho de casa¹⁰. Nesta aula, recolheu dois trabalhos dos únicos alunos presentes na aula. Pôde verificar que um aluno conseguiu completar todas as seções do exercício com exatidão e apenas com dois erros; já a outra aluna mostrou mais dificuldades na transformação e no uso da passiva e nos participípios passados.

A terceira aula deu continuidade à segunda, tendo a docente recebido três trabalhos dos alunos. Verificou-se novamente que há uma aluna que tem mais dificuldade na nova matéria. Mas a mesma aluna mostrou melhoria, tendo conseguido realizar com sucesso a tarefa dos tempos simples, embora não tenha conseguido realizar a tarefa dos tempos compostos. Os restantes mostraram excelente desempenho nas tarefas realizadas.

Relativamente à quarta aula, à data do presente Relatório ainda não foram entregues os trabalhos dos alunos.

4.2. Avaliação

A avaliação das quatro aulas é feita através da participação e dos trabalhos de casa dos alunos. Devido à pouca quantidade de trabalhos recebidos e pelo fato de terem estado presentes alunos diferentes nas quatro aulas lecionadas, não é possível ter elementos de avaliação fundamentada, nem obter amostras para verificar a evolução dos alunos.

¹⁰ Em anexo, apresentam-se os trabalhos de alguns alunos.

Conclusão

Os verbos *ser* e *estar* constituem um dos maiores problemas gramaticais para os alunos de português como língua não materna. Ambos funcionam como verbos copulativos e ambos se (re)gramaticalizaram para desempenhar importantes funções de verbos auxiliares em construções passivas e aspetuais. Aparentemente pouco importantes, porque verbos copulativos e verbos auxiliares, *ser* e *estar* são verbos semântica e pragmaticamente muito ricos, revelando importantes processos cognitivos de perspetivação conceptual de situações estativas e relevantes estratégias de eficiência comunicativa. A maior riqueza deste par de verbos, a que corresponde um só verbo ou verbo nenhum noutras línguas, reside na diferenciação aspetual de conceptualização de diferentes tipos de estados, que em outras línguas só podem ser expressos com muito mais material linguístico. Os verbos *ser* e *estar* permitem, assim, de um modo admiravelmente económico, conceptualizar e comunicar diferentes valores aspetuais de situações estativas. Graças ao enquadramento teórico da Linguística Cognitiva e, em particular, a conceitos fundamentais de Gramática Cognitiva, tal como tem sido desenvolvida sobretudo por Langacker (2008), conseguimos mostrar neste Relatório os processos cognitivos e pragmáticos de que dependem os diferentes significados de *ser* e *estar*.

Com base nos estudos de Cunha (2004, 2013), Oliveira & Cunha (2015) e Kratzer (1995), mostrámos as diferenças aspetuais entre *ser* e *estar* em termos de predicado *estável* (*ser*) e predicado *episódico* (*estar*), predicado de *indivíduo* (*ser*) e predicado de *fase* (*estar*) e ainda, já apenas relativamente ao verbo *ser*, a diferença entre estado *estável permanente* e estado *estável não permanente* ou estado *faseável* e estado *não faseável*. Identificámos e caracterizámos os contextos que admitem apenas um dos verbos copulativos e os contextos que permitem ambos os verbos e através da respetiva

distribuição e da análise contextual, conseguimos evidenciar as semelhanças e as diferenças entre os “espaços cognitivos”, semânticos e pragmáticos, ocupados pelos dois verbos.

Analisámos ainda as construções em que estes verbos participam como auxiliares, nomeadamente as diferentes construções passivas (*ser* vs. *estar* + PART) e a construção progressiva (*estar a* + INF). Orientados pela Gramática Cognitiva, mostrámos as diferenças de perspetivação conceptual entre a construção passiva e a construção ativa, entre a construção passiva de *ação* (*ser* + PART) e a construção passiva de *estado* (*estar* + PART) e mostrámos particularmente como a construção passiva é uma estratégia conceptual e pragmática de desfocalização do agente e de focalização da mudança e da afetação do paciente (Langacker 2008, Silva 2008a). Descrevemos ainda o significado aspetual da construção progressiva *estar a* + INF, identificámos as suas restrições e mostrámos porque é que o verbo *ser* não é aqui concorrente.

A investigação realizada sobre os verbos *ser* e *estar* foi da maior importância para o ensino dos significados e dos usos destes dois verbos a aprendentes do português como língua não materna. Conseguimos mostrar aos alunos os verdadeiros significados, as funções gramaticais e, até certo ponto, as motivações cognitivas e pragmáticas dos verbos *ser* e *estar*. A perspetiva cognitiva levou-nos a mostrar aos alunos muito mais do que as caracterizações disponíveis nos manuais didáticos. Especificamente, permitiu que os alunos compreendessem que a diferença entre *ser* e *estar* é mais rica (e complexa) do que simplesmente estado permanente vs. estado provisório e que a voz passiva é muito mais do que o resultado de transformações sintáticas da voz ativa. Os alunos puderam ainda ficar com ideias claras sobre a natureza e a relevância conceptual e comunicacional de categorias gramaticais abstratas, como o aspeto (gramatical e lexical) e a voz gramatical.

O ensino de *ser* e *estar* foi feito com base em contextos reais e no uso efetivo destes dois verbos. Privilegiou-se a metodologia indutiva e levou-se os alunos a descobrir os verdadeiros significados e funções destes dois verbos. Foram utilizadas estratégias inovadoras, como o recurso a jogos, para o ensino dos dois verbos. As explicações mais semânticas e pragmáticas que apresentámos nas aulas e a metodologia utilizada permitiu que os alunos desenvolvessem, não apenas a competência gramatical, mas também e sobretudo a sua competência comunicativa.

Acreditamos que o presente Relatório pode oferecer contributos importantes, na forma de caracterizações semânticas e pragmáticas e materiais pedagógicos, para o ensino dos significados, das funções, dos usos e das construções dos verbos *ser* e *estar* a aprendentes do português como língua estrangeira ou língua segunda.

Referências bibliográficas

- ALEGRE, C. (1999). *To be and not to be: A second language acquisition study in Spanish and English*. PhD dissertation. Amherst: University of Massachusetts. Disponível em: <https://search.proquest.com/docview/304515929>. Acedido em: 2019-01-13.
- BOSQUE, I., & DEMONTE, V. (1999). *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Vol. 2. Madrid: Espasa Calpe, S. A.
- CANALE, M., & SWAIN, M. (1980). Theoretical bases of communicative approaches to second language teaching and testing. *Applied Linguistics*, 1, 1-47.
- CARLSON, G. (1977). *Reference to Kinds in English*. PhD dissertation. Amherst University of Massachusetts.
- CONSELHO DA EUROPA. (2001). *Quadro europeu comum de referência para as línguas: Aprendizagem, ensino, avaliação*. Porto: Asa.
- CUNHA, C., & CINTRA, L. (1985). *Breve Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edição José Sá da Costa.
- CUNHA, L. F. (2013). Aspeto. In RAPOSO, E. et al., *Gramática do Português*, vol. I, capítulo 17. Lisboa: Fundação Calouste Gubenkian.
- CUNHA, L. F. (2004). *Semântica das predicções estativas: para uma caracterização aspectual dos estados*. Dissertação de Doutoramento. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponível em: <http://aleph.letras.up.pt/F?func=find&request=011>. Acedido em: 2019-03-12.
- CUNHA, L. F. (1998). *As construções com progressivo no português: Uma abordagem semântica*. Dissertação de Mestrado. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:hx0A57xPmPIJ:https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/18111/2/FLM07701P000079347.pdf+&cd=1&hl=zh-TW&ct=clnk&gl=pt&client=firefox-b-ab>. Acedido em: 2019-01-13.

- DELBECQUE, N. (2000). Las cópulas ser y estar. Categorización frente a deixis. *Revista Española de Lingüística Aplicada* 1: 239-280.
- DUARTE, I. (2013). Construções ativas, passivas, incoativas e médias. In RAPOSO, E. et al., *Gramática do Português*, vol. I, capítulo 13. Lisboa: Fundação Calouste Gubenkian.
- ESTRELA, A. P. (2013). *A Aquisição da Estrutura Passiva em Português Europeu*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Disponível em: https://run.unl.pt/bitstream/10362/11415/1/Estrela_PhD_versao_revista.pdf. Acedido em: 2019-04-21.
- FERREIRA, A. P. (2013). Estratégias indutivas e dedutivas para o ensino da gramática na aula de Espanhol Língua Estrangeira. Dissertação de Mestrado. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponível em: https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:2t_di1H8w4wJ:https://sigarra.up.pt/reitoria/pt/pub_geral.show_file%3Fpi_doc_id%3D14844+&cd=1&hl=zh-TW&ct=clnk&gl=pt&client=firefox-b-d. Acedido em: 2019-03-04.
- FERREIRA, R. B. (2017). O processo de gramaticalização na língua portuguesa: Uma análise de modelos de descrição gramatical. *Macapá* 7-2: 161-188. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/letras/article/view/3268>. Acedido em: 2019-03-12.
- GEERAERTS, D., & CUYCKENS, H. (2007). *The Oxford handbook of cognitive linguistics*. Oxford: Oxford University Press.
- GONÇALVES, A., & COSTA, T. da (2002). *(Auxiliar a) Compreender os verbos auxiliares*. Lisboa: Edições Colibri e Associação de Professores de Português.
- HUBACK, A. P. (2011). A aquisição de ser e estar no ensino de português como língua estrangeira. *Revista do GEL* 8-1: 91-107. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/rg/article/download/49/31>. Acedido em: 2018-12-28.

- HYMES, D. H. (1972). On Communicative Competence. In Pride, J. B. & Holmes, J. (Eds.), *Sociolinguistics*, 269-293. USA: Penguin Education.
- KRATZER, A. (1995). Stage level and individual level predicates. In G. Carlson & F. J. Pelletier (eds.), *The Generic Book*, Chicago: The University of Chicago Press, 125-175.
- LAKOFF, G. (1987). *Women, Fire, and Dangerous Things: What categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago. Disponível em <https://pdfs.semanticscholar.org/9c85/d2dd7e6d924a1078fb93cac9baaa8a850d3e.pdf>. Acedido em: 2019-01-11.
- LANGACKER, R. (2008). *Cognitive Grammar: A Basic Introduction*. Oxford: Oxford University.
- MASCARENHAS, L., & SANTOS, A. S. (2015). *Tu cá tu lá! Nível A1*, vol. I. Porto: Porto Editora.
- MATEUS, M. H. M. et al. (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- OLIVEIRA, F., CUNHA L. F., & MATOS, S. (2001). Alguns operadores aspectuais em português europeu e português brasileiro. In C. N. Correia & A. Gonçalves (eds.), *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 737-749. Disponível em <https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/12/2000-58.pdf>. Acedido em: 2019-01-13.
- OLIVEIRA, F., & CUNHA L. F. (2015). Termos de espécie e tipos de predicados. In P. Silvano & A. Leal (eds.), *Estudos de Semântica*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Centro de Linguística da Universidade do Porto, 161-178. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/15409.pdf>. Acedido em: 2019-01-13.
- OLIVEIRA, F., DUARTE, I., FREITAS, M. J., GONÇALVES, A., MIGUEL, M., & RODRIGUES, C. (2006). Derivações sintáticas e interpretação semântica. *Letras de Hoje*. 41-1: 143-159. Disponível em <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:xcvzZh2UAJYJ:revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/download/585/416+&cd>

=3&hl=zh-TW&ct=clnk&gl=pt&client=firefox-b-ab. Acedido em: 2019-02-05.

RADDEN, G., & DIRVEN, R. (2007). *Cognitive English Grammar*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.

RAPOSO, E. B. P. (2013). Orações copulativas e predicções secundárias. In RAPOSO, E. et al., *Gramática do Português*, vol. II, capítulo 30. Lisboa: Fundação Calouste Gubenkian.

RAPOSO, E., NASCIMENTO, M., MOTA, M., SEGURA, L., & MENDES, A. (2013a). *Gramática do Português*, vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gubenkian.

RAPOSO, E., NASCIMENTO, M., MOTA, M., SEGURA, L., & MENDES, A. (2013b). *Gramática do Português*, vol. II. Lisboa: Fundação Calouste Gubenkian.

ROCHA, A. (2009). *SOS Português! Língua Não Materna – Gramática A1-B1*. Porto: Porto Editora.

SILVA, A. S. (2008a). Perspectivação conceptual e gramática. *Revista Portuguesa de Humanidades – Estudos Linguísticos* 12-1, 17-44.

SILVA, A. S. (2008b). *Semântica do Português*. Braga: Universidade Católica Portuguesa.

SILVA, A. S. (1997). A Linguística Cognitiva. Uma breve introdução a um novo paradigma em Linguística. *Revista Portuguesa de Humanidades* 1: 59-101.

VENDLER, Z. (1967). *Linguistics in philosophy*. Ithaca: Cornell University Press.

VENTURA, H., & CASEIRO, M. (2013). *Guia Prático de Verbos com Preposições*. Lisboa: LIDEL.

Anexos

Anexo 1

<u>Plano de aula</u>		
Instituição: Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Católica Portuguesa		
Ano letivo: 2018/2019	Aula: N.º 1	Data: 30/01/2019 (4.ª feira)
Turma: PALOP	Duração: 50 minutos	
Tema: A distinção entre os verbos <i>ser</i> e <i>estar</i>		
Sequência: 1	Domínios: Gramática	
Objetivos: <ol style="list-style-type: none">1. Diferenciar a oração copulativa da oração simples.2. Identificar a função dos 2 verbos copulativos (<i>ser</i> e <i>estar</i>).3. Reconhecer o estado estável e o estado episódico.4. Distinguir o uso de <i>ser</i> e <i>estar</i> em diferentes construções.		
Sumário: <ol style="list-style-type: none">1. Apresentação da oração copulativa.2. Distinção entre os verbos <i>ser</i> e <i>estar</i> (3 casos).3. Completar a ficha de exercícios.4. Correção em conjunto.5. Leitura de cada aluno e a explicação do texto.		
Estratégias/Metodologias: <ol style="list-style-type: none">1. Apresentação da oração copulativa: explicação com exemplos.2. Divisão dos verbos <i>ser</i> e <i>estar</i> em 3 grupos para explicar o uso dos mesmos. Posteriormente pedir aos alunos para dar exemplos.3. Apresentação de um quadro de linha temporal exemplificativo estado estável e episódico.4. Pedir aos alunos para preencher a ficha de exercícios lacunares sobre os dois verbos (Anexo 2).5. Pedir a cada um para responder e explicar o uso dos dois verbos, os outros alunos podem ajudar.6. Cada aluno necessita de intervir sobre a temática da aula.		
Recursos: <ol style="list-style-type: none">1. Exemplos práticos diversificados dados pela docente.2. Ficha de exercícios (Anexo 2).		

Distribuição do tempo:

- **10 minutos:** Apresentação da oração copulativa.
- **20 minutos:** Distinção entre os verbos *ser* e *estar*, apresentando os exemplos com o verbo *ficar* (Apresentar o conceito de estado estável e estado episódico).

10 m - *Ser* vs *estar*.

5 m - No caso em que só se aplica o verbo *ser*.

5 m - No caso em que só se aplica o verbo *estar*.

Actividade:

- **5 minutos:** Preenchimento da ficha de exercícios (Anexo 2).
- **15 minutos:** Correção em conjunto. Pedir a cada aluno para explicar a razão pela qual se usa o *ser* ou *estar* nas frases (Cada um tem que fornecer uma explicação).

Anexo 2

Exercícios para a distinção entre os verbos *ser* e *estar*

Nome: _____ Data: ____/____/____

Preencha com o verbo adequado nos espaços brancos:

- 1) A Luísa _____ na praia hoje porque _____ verão.
- 2) Olha Mário! A Joana e tu _____ no estádio de futebol?
- 3) O Cristiano Ronaldo _____ um jogador português.
- 4) O Tiago _____ feliz hoje porque _____ o seu aniversário.
- 5) A capital de França _____ Paris.
- 6) A Helena e eu _____ com sede porque hoje está muito quente.
- 7) Lisboa _____ em Portugal.
- 8) O Bruno _____ na universidade porque hoje tem aulas.
- 9) A Iva _____ a minha chefe. Ela _____ muito pontual.
- 10) Os pastéis de nata _____ muito bons.
- 11) Olha, Raquel! Este livro não _____ meu. _____ teu?
- 12) O Duarte _____ com fome porque já _____ 15 horas!
- 13) O dia de Portugal _____ no dia 10 de Junho.
- 14) O Marcelo _____ de Macau, Eu _____ do Japão e a Carla _____ de Angola.
- 15) A violência verbal _____ um comportamento agressivo.
- 16) Vocês _____ no bar com o professor Jorge?
- 17) Coitado do Flávio! Ele _____ doente. _____ com dor de cabeça.
- 18) Nós _____ especialistas de informática.
- 19) A Maria _____ a ser simpática.
- 20) O primeiro rei de Portugal _____ D. Afonso Henriques.

Anexo 3

<u>Plano de aula</u>		
Instituição: Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Católica Portuguesa		
Ano letivo: 2018/2019	Aula: N.º 2	Data: 27/02/2019 (4.ª feira)
Turma: PALOP	Duração: 50 minutos	
Tema: A voz passiva		
Sequência: 2	Domínios: Gramática	
Objetivos: <ol style="list-style-type: none">1. Diferenciar a oração ativa e a oração passiva.2. Reconhecer a regra geral da formação da voz passiva.3. Identificar a passiva de ação e a passiva de estado (na construção de <i>ser</i> e <i>estar</i>).4. Conhecer os participípios passados regulares e irregulares.5. Praticar os géneros e números na construção da passiva.6. Aplicar a regra da voz passiva através de um jogo.		
Sumário: <ol style="list-style-type: none">1. Apresentação da voz ativa e voz passiva (Introduzir o conceito de Agente e Paciente).2. Exemplificar a regra da voz passiva.3. Atribuição da ficha de exercício.4. Leitura da lista dos participípios passados irregulares.5. Explicação com exemplos sobre os participípios passados irregulares e tarefa dos alunos de transformação passiva.6. Jogo em grupo.7. Atribuição do prémio.		
Estratégias/Metodologias: <ol style="list-style-type: none">1. Apresentação de uma imagem para explicar o diferente foco do sujeito na oração ativa e passiva.2. Pedir aos alunos para ler a ficha de exercícios sobre os participípios passados irregulares (Anexo 5).3. Na explicação da passiva com participípios irregulares, pedir aos alunos para dar exemplos: uns escrevem no quadro a frase na ativa, outros transformam-na em passiva.		

4. Os alunos dividem-se em grupos, cada grupo contém 3 elementos (É variável e depende do número dos alunos desta aula).
5. Jogo – da resposta correta mais rápida.
6. Trabalho de casa: A parte dos exercícios da ficha (Anexo 5).

Recursos:

1. Exemplos práticos diversificados dados pela docente.
2. PPT com imagem e exemplos (Anexo 4).
3. Ficha de exercícios (Anexo 5).
4. Marcador com números (Foto 1).
5. Prémio (Foto 2).

Regras do jogo:

O jogo é sobre a transformação de frases da voz ativa para a voz passiva. Os alunos formam grupos de três para jogar. No início, cada grupo tem duas frases obrigatórias para responder. No caso de responder corretamente, ganha um ponto. A seguir, começa o jogo. Logo que saibam a resposta, os alunos levantam o número do seu grupo e a professora vai indicar o grupo mais rápido para responder. No caso da resposta estar correta, ganha dois pontos; se estiver incorreta, o próprio grupo tem uma penalização de um ponto negativo. Nessa altura, outros grupos podem responder. Se o mesmo grupo for o mais rápido a levantar o número duas vezes, da segunda vez não pode ser o mesmo aluno a responder. No final, o grupo que tiver mais pontos ganha o prémio.

Distribuição do tempo:

- **3 minutos:** Apresentação da voz ativa e voz passiva.
- **10 minutos:** Explicação da formação da voz passiva (com exemplos dos participios passados regulares).
- **5 minutos:** Leitura dos participios passados irregulares.
- **15 minutos:** Exemplificação. Pedir aos alunos para dar exemplos.

Atividade:

- **15 minutos:** Jogo em grupo.
- **2 minutos:** Atribuição do prémio.

Nota: A voz passiva vai ser lecionada em duas aulas, devido ao fator tempo e nível dos alunos. Esta primeira aula focaliza-se nos tempos simples. A segunda versa os tempos compostos.



(Foto 1) – Recurso – Marcador
com os números dos grupos



(Foto 2) – Recurso – Prémio

Anexo 4



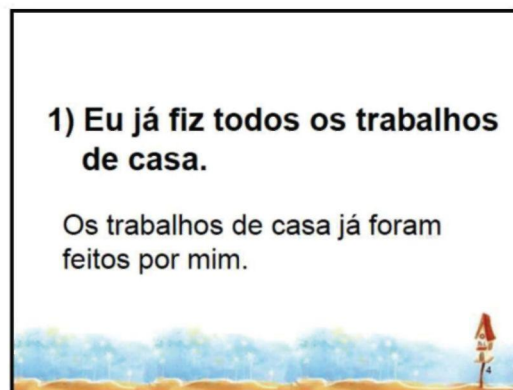
1



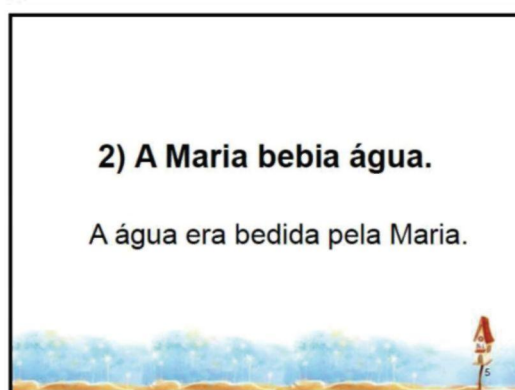
2



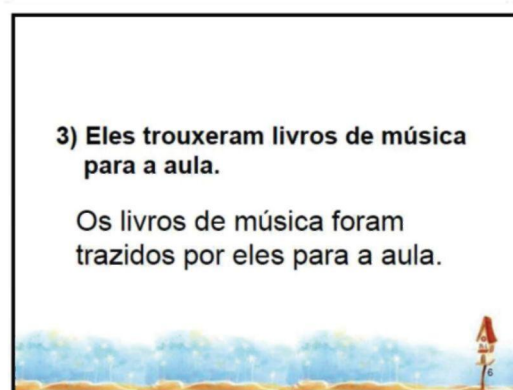
3



4



5



6

4) O meu pai vendeu o restaurante.

O restaurante foi vendido pelo meu pai.

7

5) O meu colega comprava o novo telemóvel.

O novo telemóvel era comprado pelo meu colega.

8

6) A professora de matemática roubou o livro de ouro.

O livro de ouro foi roubado pela professora de matemática.

9

7) A faculdade acenderá as luzes a partir das 19 horas.

As luzes serão acesas pela faculdade a partir das 19 horas.

10

8) O António gastava todo o dinheiro para comprar o bilhete do concerto.

Todo o dinheiro era gasto pelo António para comprar o bilhete do concerto.

11

9) Eu vi a Lisa quando eu estava na Faculdade.

A Lisa foi vista por mim quando eu estava na Faculdade.

12

10) Três crianças partiram os copos sem querer.

Os copos foram partidos sem querer por três crianças.

13

11) Os polícias prenderam dois suspeitos.

Dois suspeitos foram presos pelos polícias.

14

12) O terramoto mata centenas de pessoas.

Centenas de pessoas são mortas pelo terramoto.

15

13) Nós entregamos sempre o relatório em cima da hora.

O relatório é entregue sempre por nós em cima da hora.

16

Anexo 5

Exercícios da voz passiva

Nome: _____ Data: ____/____/____

O particípio passado – regular		
Verbos terminados em -ar Ex: cantar > cantado	Verbos terminados em -er Ex: comer > comido	Verbos terminados em -ir Ex: partir > partido
O particípio passado – irregular*		
Ganhar – ganho Gastar – gasto Limpar – limpo Pagar – pago Aceitar – aceite Matar – morto Salvar – salvo Entregar – entregue Completar – completo	Dizer – dito Escrever – escrito Fazer – feito Ver – visto Acender – aceso Morrer – morto Prender – preso	Abrir – aberto Cobrir – coberto Descobrir – descoberto Vir – vindo Pôr – posto
<p>*Alguns verbos têm duas formas para o particípio passado, uma regular e outra irregular. Deve-se usar a forma regular com os auxiliares “ter” e “haver” (para os tempos compostos) e a irregular com os auxiliares “ser” e “estar” (para a voz passiva).</p> <p>Ex: Ele <u>tinha acendido</u> a luz. (pretérito mais que perfeito composto)</p> <p>A luz <u>foi acesa</u> às 5 horas. (passiva de ação)</p> <p>A luz <u>está acesa</u>. (passiva de estado)</p>		

I. Escreva as frases na **voz passiva**. Segue o exemplo:

Ex: A Luísa fez o bolo ontem.

O bolo foi feito pela Luísa ontem.

1) A televisão transmite o jogo às oito horas.

2) A equipa de basquetebol ofereceu dois bilhetes para o último jogo da época.

3) Eu dei um livro de música ao Diego hoje de manhã.

4) O Nuno estava a comer panquecas quando eu saí de casa.

5) Eles reservavam sempre o bilhete para a Helena.

6) A Mariana limpará o seu quarto na próxima semana.

7) O António e o seu pai alugaram um carro para andar na ilha.

II. Complete as frases com os verbos entre parênteses, no particípio passado.

1) A carta que foi _____ (escrever) pelo Miguel, foi _____
(entregar) pelo carteiro.

2) Quando encontrei a Ana e o João, eles já estavam _____ (morrer).

3) A aula já está _____ (acabar).

4) O carro foi _____ (alugar) por eles para andar na ilha.

5) As luzes foram _____ (acender) pelo Luís.

6) As luzes estão _____ (acender).

7) A mentira do João será _____ (descobrir) por mim.



Exercícios da voz passiva

Nome: Kennedy Riguel L. Sereia Data: 27/02/2019

O particípio passado – regular		
Verbos terminados em -ar Ex: cantar > cantado	Verbos terminados em -er Ex: comer > comido	Verbos terminados em -ir Ex: partir > partido
O particípio passado – irregular*		
Ganhar – ganho	Dizer – dito	Abrir – aberto
Gastar – gasto	Escrever – escrito	Cobrir – coberto
Limpar – limpo	Fazer – feito	Descobrir – descoberto
Pagar – pago	Ver – visto	Vir – vindo
Aceitar – aceite	Acender – aceso	Pôr – posto
Matar – morto	Morrer – morto	
Salvar – salvo	Prender – preso	
Entregar – entregue		
Completar – completo		

*Alguns verbos têm duas formas para o particípio passado, uma regular e outra irregular. Deve-se usar a forma regular com os auxiliares “ter” e “haver” e a irregular com os auxiliares “ser” e “estar”.

Ex: Ele tinha acendido a luz.
A luz foi acesa às 5 horas.
A luz está acesa.

I. Escreve as frases na voz passiva. Segue o exemplo.

Ex: A Luísa fez o bolo ontem.

O bolo foi feito pela Luísa ontem.

1) A televisão transmite o jogo às oito horas.

O jogo é transmitido às oito horas pela televisão. ✓

2) A equipa de basquetebol ofereceu dois bilhetes para o último jogo da época.

Dois bilhetes para o último jogo da época, foram oferecidos pela equipa de basquetebol. ✓

3) Eu dei um livro de música ao Diego hoje de manhã.

Hoje de manhã um livro de música foi dado ao Diego por mim.

4) O Nuno estava a comer panquecas quando eu saí de casa.

As panquecas eram comidas pelo Nuno quando ^{saí} saí de casa. estavam a ser comidas

5) Eles reservavam sempre o bilhete para a Helena.

O bilhete era reservado sempre por eles para a Helena.

6) A Mariana limpará ^{C.D.} o seu quarto na próxima semana.

A Mariana irá limpar o seu quarto na próxima semana. O quarto da Mariana será limpo por ela na próxima semana.

7) O António e o seu pai alugaram um carro para andar na ilha.

Um carro foi alugado pelo António e pelo seu pai para andar na ilha.

II. Completa as frases com os verbos entre parênteses no participípio passado.

1) A carta que foi escrita (escrever) pelo Miguel, foi entregue (entregar) pelo carteiro.

2) Quando encontrei a Ana e o João, eles já estavam mortos (morrer).

3) A aula já está acabada (acabar).

4) O carro foi alugado (alugar) por eles para andar na ilha.

5) As luzes foram acesas (acender) pelo Luís.

6) As luzes estão acesas (acender).

7) A mentira do João será descoberta (descobrir) por mim.

Susana



Exercícios da voz passiva

Nome: Maria Dos Anjos Bumba Macala Data: 27/02/2019

O particípio passado – regular		
Verbos terminados em -ar Ex: cantar > cantado	Verbos terminados em -er Ex: comer > comido	Verbos terminados em -ir Ex: partir > partido
O particípio passado – irregular*		
Ganhar – ganho	Dizer – dito	Abrir – aberto
Gastar – gasto	Escrever – escrito	Cobrir – coberto
Limpar – limpo	Fazer – feito	Descobrir – descoberto
Pagar – pago	Ver – visto	Vir – vindo
Aceitar – aceite	Acender – aceso	Pôr – posto
Matar – morto	Morrer – morto	
Salvar – salvo	Prender – preso	
Entregar – entregue		
Completar – completo		

* Alguns verbos têm duas formas para o particípio passado, uma regular e outra irregular. Deve-se usar a forma regular com os auxiliares “ter” e “haver” e a irregular com os auxiliares “ser” e “estar”.

Ex: Ele tinha acendido a luz.
A luz foi acesa às 5 horas.
A luz está acesa.

I. Escreve as frases na voz passiva. Segue o exemplo.

Ex: A Luísa fez o bolo ontem.

O bolo foi feito pela Luísa ontem.

Ser + particípio passado + por

1) A televisão transmite o jogo às oito horas.

O jogo foi transmitido pela televisão às oito horas.

C.D.

2) A equipa de basquetebol ofereceu dois bilhetes para o último jogo da época.

O jogo da última época foi oferecido dois bilhetes pela equipa de basquetebol.

Dois bilhetes foram oferecidos pela equipa de basquetebol para o último jogo da época.

3) Eu dei um livro de música ao Diego hoje de manhã.

O livro de música foi dado ^{por mim} pelo Diego ^{hoje} hoje de manhã.

4) O Nuno estava a comer panquecas quando eu saí de casa.

As Panquecas ^{estavam a ser comidas} foram comidas pelo Nuno quando eu saí de casa.

5) Eles reservavam sempre o bilhete para a Helena.

O bilhete ^{para a Helena} ^{era} sempre reservado ^{para ela} por eles.

6) A Mariana limpará o seu quarto na próxima semana.

O seu quarto ^{ela} será limpo ^{por ela} por Mariana na próxima ^{da Mariana} semana.

7) O António e o seu pai alugaram um carro para andar na ilha.

Um carro foi alugado pelo António e pelo seu pai para andar na ilha.

II. Completa as frases com os verbos entre parênteses no particípio passado.

1) A carta que foi Escrevita (escrever) pelo Miguel, foi Entregue (entregar) pelo carteiro.

2) Quando encontrei a Ana e o João, eles já estavam Mortos (morrer).

3) A aula já está Acabada (acabar).

4) O carro foi Alugado (alugar) por eles para andar na ilha.

5) As luzes foram Acendidas (acender) pelo Luís.

6) As luzes estão Acendidas (acender).

7) A mentira do João será Descoberta (descobrir) por mim.

Susana

Anexo 6

<u>Plano de aula</u>		
Instituição: Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Católica Portuguesa		
Ano letivo: 2018/2019	Aula: N.º 3	Data: 21/03/2019 (5.ª feira)
Turma: PALOP	Duração: 50 minutos	
Tema: A voz passiva		
Sequência: 3	Domínios: Gramática	
Objetivos: <ol style="list-style-type: none">1. Reconhecer a regra da formação da voz passiva.2. Identificar os tempos compostos (pretérito mais que perfeito composto e pretérito perfeito composto).3. Diferenciar a passiva de ação da passiva de estado (na construção de <i>ser</i> e <i>estar</i>).4. Praticar as categorias de género e número na construção da passiva.5. Consolidar o uso da voz passiva através de um jogo competitivo.		
Sumário: <ol style="list-style-type: none">1. Revisão da transformação da voz ativa para voz passiva nos tempos simples.2. Pequena apresentação do pretérito perfeito composto e do pretérito mais que perfeito composto.3. Entrega das fichas dos exercícios e da lista dos verbos.4. Exemplificação da transformação da voz passiva nos tempos compostos.5. Jogo em grupo.6. Atribuição do prémio.		
Estratégias/Metodologias: <ol style="list-style-type: none">1. Revisão da transformação da voz ativa para voz passiva nos tempos simples e pedir aos alunos para dar exemplos.2. Pedir aos alunos para ler a lista dos verbos com os participios passados irregulares (Anexo 7).3. Os alunos dividem-se em grupos, cada grupo com 3 elementos. (É variável e depende do número dos alunos presentes nesta aula).4. Jogo – da resposta correta mais rápida.5. Trabalho de casa: ficha de exercícios da voz passiva (Anexo 9).		

Recursos:

1. Lista de verbos com participípios passados regulares e irregulares (Anexo 7).
2. PPT com exercícios (Anexo 8).
3. Ficha de exercícios (Anexo 9).
4. Marcador com números (Foto 1).
5. Prémio (Foto 2).

Regra do jogo:

O jogo consiste na **correção** de frases transformadas da voz ativa para a voz passiva. Os alunos formam grupos de três pessoas. No início, cada grupo responde a duas frases. Se a resposta for correta, **ganha um ponto**. A seguir, começa a **competição** propriamente dita. Logo que saibam a resposta, os alunos levantam o número do seu grupo e a docente valida a resposta mais rápida. No caso de a resposta estar correta, ganha dois pontos; se estiver incorreta, há uma **penalização de um ponto negativo**. Nessa altura, outros grupos podem responder. Se o mesmo grupo for o mais rápido a levantar o número duas vezes, da segunda vez não pode ser o mesmo aluno a responder. No final, o grupo que tiver mais pontos ganha o prémio.

Distribuição do tempo:

- **10 minutos:** Revisão da transformação da voz ativa para voz passiva nos tempos simples.
- **10 minutos:** Apresentação do pretérito perfeito composto e do pretérito mais que perfeito composto.
- **15 minutos:** Exemplificação da transformação da voz passiva nos tempos compostos (Pedir aos alunos para dar exemplos).
- **15 minutos:** Atividade - Jogo em grupo.

Anexo 7

Os participios passados

Nome: _____ Data: ____/____/____

O particípio passado – regular				
Verbos terminados em -ar Ex: cantar > cantado		Verbos terminados em -er Ex: comer > comido	Verbos terminados em -ir Ex: partir > partido	
Verbos com duas formas do particípio passado			verbos com um só particípio	
Infinitivo	Part. Regular (ter)	Part. Irregular (ser / estar)	Part. Irregular (ser / estar/ ter)	
aceitar	aceitado	aceite	abrir	aberto
acender	acendido	aceso	(des)cobrir	(des)coberto
eleger	elegido	eleito	dizer	dito
entregar	entregado	entregue	escrever	escrito
expressar	expressado	expresso	fazer	feito
exprimir	exprimido	expresso	pôr	posto
expulsar	expulsado	expulso	ver	visto
fritar	fritado	frito	vir	vindo
ganhar	ganhado	ganho		
gastar	gastado	gasto		
imprimir	imprimido	impresso		
matar	matado	morto		
morrer	morrido	morto		
omitir	omitido	omisso		
pagar	pagado	pago		
prender	prendido	preso		
salvar	salvado	salvo		
soltar	soltado	solto		
suspender	suspendido	suspenso		

Anexo 8

Jogo

1

1. O meu colega comprou um livro de gramática.

Um livro de gramática era comprada pelo meu colega.

foi comprado

2

2. Eles fritaram o peixe ontem.

O peixe foi fritado pelos eles ontem.

frito por

3

3. O nosso vizinho cortou a relva?

Sim, a relva é corta pelo nosso vizinho.

foi cortada

4

4. A faculdade acenderá as luzes a partir das 19 horas.

serão acesas
As luzes são acendidas pela faculdade a partir das 19 horas.

a partir (de)

5

5. O meu pai vendeu o restaurante.

O restaurante é vendo pelo meu pão.

pai

foi vendido

6

6. Quando eu vi a Luísa, ela já tinha roubado a minha pulseira.

Quando eu vi a Luísa, a minha pulseira já tinha sido roubado por si.

tinha sido roubada ela

7

7. Ultimamente tenho imprimido as fichas de exercícios.

Ultimamente as fichas de exercícios têm sido imprimido por mim.

impressas

8

8. Tu já fizeste todo o relatório.

Todo o relatório já foi feito por tu.

ti

9

9. Quando eu cheguei a casa, a minha mãe já tinha feito o jantar.

Quando eu cheguei a casa, o jantar já tinha feito por minha mãe.

tinha sido feito pela

10

10. Três meninos partiram os copos do restaurante.

Os copos do restaurante foram partidos por três meninos.



11

11. O António já tinha gastado o seu dinheiro quando eu comecei a fazer compras.

O dinheiro do António tinha sido gasto por ele

Os seus dinheiros já foram gasto quando eu comecei a fazer compras.

compras

12

12. O João interrompeu a nossa conversa!

A nossa conversa é interrompida pelo João.

Foi interrompida

13

13. Nós temos feito vários tipos de bolos.

Vários tipos de bolos têm sido feitos por nós.

14

14. Foi o Mário que encontrou o teu estojo?

Sim, o meu estojo foi encontrado pelo Mário.

15

15. Ontem à noite, os bombeiros salvaram um gato que estava deitado de baixo dum carro.

Ontem à noite, um gato que estava deitado de baixo dum carro foi salvo pelos bombeiros.

16

Anexo 9

Exercícios da voz passiva

Nome: _____ Data: ____/____/____

Formação da voz passiva
<p>1) A frase na voz passiva tem como sujeito o complemento direto da frase na voz ativa;</p> <p>Ex: O professor ensina os verbos. (voz ativa) Os verbos são ensinados pelo professor. (voz passiva)</p> <p>2) A conjugação passiva faz-se com o auxiliar “ser” no tempo do verbo principal na ativa;</p> <p>Ex: O aluno <u>estuda</u> a gramática. > A gramática <u>é</u> estudada pelo aluno. A estudante <u>apagou</u> o quadro. > O quadro <u>foi</u> apagado pela estudante.</p> <p>3) O verbo principal coloca-se no particípio passado;</p> <p>Ex: A aluna <u>leu</u> o texto português. (voz ativa) O texto português foi <u>lido</u> pela aluna. (voz passiva)</p> <p>4) O sujeito da ativa passa a agente da passiva regido pela preposição “por” + nome ou pronome pessoal (mim, ti, si, ele, ela, nós, vocês, eles, elas).</p> <p>Ex: Eu fiz os trabalhos de casa. (voz ativa) Os trabalhos de casa foram feitos <u>por</u> mim. (voz passiva)</p>

I. Responda às questões usando a **passiva**. Veja o exemplo:

Ex: A tua mãe ofereceu-te esse vestido?

Sim, este vestido foi oferecido pela minha mãe.

1) Alguém abandonou o cãozinho?

Sim, o cãozinho _____

2) O professor corrigiu os testes?

Sim, _____

3) O teu irmão arranjou o computador?

Sim, _____

4) Foi o James que encontrou o teu estojo?

Sim, _____

5) Foi a Ana que leu o texto?

Sim, _____

6) Foram os teus pais que te compraram o *tablet*?

Sim, _____

II. Complete as frases com os verbos entre parênteses no **particípio passado**.

1) Ele tinha _____ (*ir*) à agência para marcar as viagens.

2) O livro foi _____ (*escrever*) pelo professor João.

3) Se o senhor tivesse _____ (*reservar*) o bilhete, teria _____ (*poupar*) trinta euros.

4) Hoje de manhã, dois ladrões foram _____ (*prender*) numa loja de vestuário.

5) Os polícias têm _____ (*prender*) assaltantes no mercado Sousa.

6) Quando entrou no comboio, o senhor tinha _____ (*pôr*) aqui a sua mala.

III. Escreva as frases na **voz passiva**. Segue o exemplo:

Ex: A Catarina fez o bolo ontem.

O bolo foi feito pela Catarina ontem.

1) Eu já tinha acabado o trabalho quando tu chegaste.

2) Ultimamente tenho gastado muito dinheiro em roupa.

3) Quando a Luísa me telefonou, eu já tinha comprado um gelado.

4) O Mário tem usado chapéu nos últimos dias.



Exercícios da voz passiva

Nome: Renildo Carlos de Medeiros Data: 22/03/2019

Formação da voz passiva

1) A frase na voz passiva tem como sujeito o **complemento direto** da frase na voz ativa;

Ex: O professor ensina os verbos. (voz ativa)

Os verbos são ensinados pelo professor. (voz passiva)

2) A conjugação passiva faz-se com o auxiliar "ser" no **tempo** do verbo principal na ativa;

Ex: O aluno estuda a gramática. > A gramática é estudada pelo aluno.

A estudante apagou o quadro. > O quadro foi apagado pela estudante.

3) O verbo principal coloca-se no **particípio passado**;

Ex: A aluna leu o texto português. (voz ativa)

O texto português foi lido pela aluna. (voz passiva)

4) O sujeito da ativa passa a **agente da passiva** regido pela preposição "por" + nome ou pronome pessoal (mim, ti, si, ele, ela, nós, vocês, eles, elas).

Ex: Eu fiz os trabalhos de casa. (voz ativa)

Os trabalhos de casa foram feitos por mim. (voz passiva)

I. Responde às questões usando a passiva.

Ex: A tua mãe ofereceu-te esse vestido?

Sim, este vestido foi oferecido pela minha mãe.

1) Alguém abandonou o cãozinho?

Sim, o cãozinho foi abandonado (por alguém.) ✓

2) O professor corrigiu os testes?

Sim, os testes foram corrigidos pelo professor. ✓

3) O teu irmão arranjou o computador?

Sim, o computador foi arranjado pelo meu irmão. ✓

4) Foi o James que encontrou o teu estojo?

Sim, o meu estojo foi encontrado pelo James. ✓

5) Foi a Ana que leu o texto?

Sim, o texto foi lido pela Ana. ✓

6) Foram os teus pais que te compraram o tablet?

Sim, o tablet foi comprado pelos meus pais. ✓

II. Completa as frases com os verbos entre parênteses no particípio passado.

1) Ele tinha ido (ir) à agência para marcar as viagens.

2) O livro foi escrito (escrever) pelo professor João.

3) Se o senhor tivesse reservado (reservar) o bilhete, teria poupado (poupar) trinta euros.

4) Hoje de manhã, dois ladões foram presos (prender) numa loja de vestuário.

5) Os polícias tem prendido (prender) assaltantes no mercado Sousa.

6) Quando entrou no comboio, o senhor tinha posto (pôr) aqui a sua mala.

III. Escreve as frases na voz passiva. Segue o exemplo:

Ex: A Catarina fez o bolo ontem.

O bolo foi feito pela Catarina ontem.

1) Eu já tinha acabado o trabalho quando tu chegaste.

~~O trabalho já tinha sido acabado por mim quando tu chegaste.~~
O trabalho já tinha sido acabado por mim quando tu chegaste. ✓

2) Ultimamente tenho gastado muito dinheiro na roupa.

~~Na roupa, tem sido gasto muito dinheiro ultimamente.~~
Na roupa, tem sido gasto muito dinheiro ultimamente. ✓

3) Quando a Luísa me telefonou, eu já tinha comprado um gelado.

Um gelado já tinha sido comprado quando a Luísa me telefonou. ✓

4) O Mário tem usado chapéu nos últimos dias.

Nos últimos dias o chapéu tem sido usado pelo Mário. ✓



Exercícios da voz passiva

Nome: Melquizedec Aguires Data: / /

Formação da voz passiva

1) A frase na voz passiva tem como sujeito o **complemento direto** da frase na voz ativa;

Ex: O professor ensina os verbos. (voz ativa)

Os verbos são ensinados pelo professor. (voz passiva)

2) A conjugação passiva faz-se com o auxiliar "ser" no **tempo** do verbo principal na ativa;

Ex: O aluno estuda a gramática. > A gramática é estudada pelo aluno.

A estudante apagou o quadro. > O quadro foi apagado pela estudante.

3) O verbo principal coloca-se no **particípio passado**;

Ex: A aluna leu o texto português. (voz ativa)

O texto português foi lido pela aluna. (voz passiva)

4) O sujeito da ativa passa a **agente da passiva** regido pela preposição "por" + nome ou pronome pessoal (mim, ti, si, ele, ela, nós, vocês, eles, elas).

Ex: Eu fiz os trabalhos de casa. (voz ativa)

Os trabalhos de casa foram feitos por mim. (voz passiva)

I. Responde às questões usando a passiva.

Ex: A tua mãe ofereceu-te esse vestido?

Sim, este vestido foi oferecido pela minha mãe.

1) Alguém abandonou o cãozinho?

Sim, o cãozinho foi abandonado (por alguém) ✓

2) O professor corrigiu os testes?

Sim, os testes foram corrigidos pelo professor. ✓

3) O teu irmão arranjou o computador?

Sim, o computador foi arranjado por ele. ✓

4) Foi o James que encontrou o teu estojo?

Sim, o meu estojo foi encontrado pelo James. ✓

5) Foi a Ana que leu o texto?

Sim, o texto foi lido pela Ana. ✓

6) Foram os teus pais que te compraram o tablet?

Sim, o tablet foi comprado pelos meus pais. ✓

II. Completa as frases com os verbos entre parênteses no particípio passado.

1) Ele tinha ido ✓ (ir) à agência para marcar as viagens.

2) O livro foi escrito ✓ (escrever) pelo professor João.

3) Se o senhor tivesse reservado ✓ (reservar) o bilhete, teria poupado ✓ (poupar) trinta euros.

4) Hoje de manhã, dois ladrões foram presos prendido (prender) numa loja de vestuário.

5) Os polícias têm prendido (prender) assaltantes no mercado Sousa.

6) Quando entrou no comboio, o senhor tinha posto ✓ (pôr) aqui a sua mala.

III. Escreve as frases na voz passiva. Segue o exemplo:

Ex: A Catarina fez o bolo ontem.

O bolo foi feito pela Catarina ontem.

1) Eu já tinha acabado o trabalho quando tu chegaste.

Quando tu chegaste o trabalho já tinha sido acabado por mim. ✓

2) Ultimamente tenho gastado muito dinheiro na roupa.

Muito dinheiro tem sido gasto na roupa ultimamente. ✓

3) Quando a Luísa me telefonou, eu já tinha comprado um gelado.

O gelado já tinha sido comprado por mim quando a Luísa me telefonou. ✓

4) O Mário tem usado chapéu nos últimos dias.

O chapéu tem sido usado pelo Mário nos últimos dias. ✓



Exercícios da voz passiva

Nome: Maria dos Dares G. Mocalo Data: 24/03/2019

Formação da voz passiva

- 1) A frase na voz passiva tem como sujeito o **complemento direto** da frase na voz ativa;

Ex: O professor ensina os verbos. (voz ativa)

Os verbos são ensinados pelo professor. (voz passiva)

- 2) A conjugação passiva faz-se com o auxiliar "ser" no tempo do verbo principal na ativa;

Ex: O aluno estuda a gramática. > A gramática é estudada pelo aluno.

A estudante apagou o quadro. > O quadro foi apagado pela estudante.

- 3) O verbo principal coloca-se no **particípio passado**;

Ex: A aluna leu o texto português. (voz ativa)

O texto português foi lido pela aluna. (voz passiva)

- 4) O sujeito da ativa passa a **agente da passiva** regido pela preposição "por" + nome ou pronome pessoal (mim, ti, si, ele, ela, nós, vocês, eles, elas).

Ex: Eu fiz os trabalhos de casa. (voz ativa)

Os trabalhos de casa foram feitos por mim. (voz passiva)

I. Responde às questões usando a passiva.

Ex: A tua mãe ofereceu-te esse vestido?

Sim, este vestido foi oferecido pela minha mãe.

- 1) Alguém abandonou o cãozinho?

Sim, o cãozinho foi abandonado pela alguém. ✓

- 2) O professor corrigiu os testes?

Sim, os testes foram corrigidos pelo professor. ✓

- 3) O teu irmão arranjou o computador?

Sim, o computador foi arranjado pelo meu irmão. ✓

4) Foi o James que encontrou o teu estojo?

Sim, o meu estojo foi encontrado pelo James.

5) Foi a Ana que leu o texto?

Sim, o texto foi lido pela Ana.

6) Foram os teus pais que te compraram o tablet?

Sim, o tablet foi comprado pelos meus pais.

II. Completa as frases com os verbos entre parênteses no particípio passado.

1) Ele tinha ~~indo~~^{ido} (ir) à agência para marcar as viagens.

2) O livro foi ~~escrevendo~~^{escrito} (escrever) pelo professor João.

3) Se o senhor tivesse ~~reservado~~^{pouparado} (reservar) o bilhete, teria ~~sobrado~~ (poupar) trinta euros.

4) Hoje de manhã, dois ladões foram ~~prender~~^{prendidos} (prender) numa loja de vestuário.

5) Os polícias tem ~~prender~~^{prendido} (prender) assaltantes no mercado Sousa.

6) Quando entrou no comboio, o senhor tinha ~~pôr~~^{posto} (pôr) aqui a sua mala.

III. Escreve as frases na voz passiva. Segue o exemplo:

Ex: A Catarina fez o bolo ontem.

O bolo foi feito pela Catarina ontem.

1) Eu já tinha acabado ^{c.d.} o trabalho quando tu chegaste.

Quando tu chegaste, (eu já tinha acabado o trabalho.)
o trabalho já tinha sido acabado por mim.

2) Ultimamente tenho gastado ^{c.d.} muito dinheiro na roupa.

Muito dinheiro na roupa eu tenho gastado ultimamente.
tem sido gasto ultimamente na roupa.

3) Quando a Luísa me telefonou, eu já tinha comprado um gelado.

Eu já tinha sido comprado um gelado quando a Luísa me telefonou.

4) O Mário tem usado chapéu nos últimos dias.

Nos últimos dias o Mário tem sido usado chapéu.
o chapéu pelo Mário.

Anexo 10

<u>Plano de aula</u>		
Instituição: Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Católica Portuguesa		
Ano letivo: 2018/2019	Aula: N.º 4	Data: 10/04/2019 (4.ª feira)
Turma: PALOP	Duração: 50 minutos	
Tema: Preposições		
Sequência: 4	Domínios: Gramática	
Objetivos: <ol style="list-style-type: none">1. Reconhecer a função das preposições.2. Identificar as preposições simples e as locuções prepositivas.3. Interpretar as diferentes preposições em contexto pós-verbal.4. Discutir oralmente as ideias sobre o texto.		
Sumário: <ol style="list-style-type: none">1. Apresentação das preposições simples.2. Comparação da mesma preposição em diferentes contextos.3. Análise dos verbos que combinam com várias preposições.4. Preenchimento da ficha de exercício.5. Correção em conjunto.6. Discussão do texto.		
Estratégias/Metodologias: <ol style="list-style-type: none">1. Explicação com exemplos para uma apresentação do uso das preposições.2. Pedir aos alunos para dar exemplos e escrever no quadro.3. Registo no caderno dos conteúdos apresentados.4. Pequeno exercício final para a aplicação do conteúdo.5. Intervenção de cada aluno na correção do exercício e na discussão do texto.6. Trabalho de casa: Segunda parte do exercício.		
Recursos: <ol style="list-style-type: none">1. Ficha de exercícios (Anexo 11)2. Exemplos práticos diversificados dados pela docente.		

Distribuição do tempo:

- Explicação do uso das preposições: **30 minutos**
- Preenchimento da ficha de exercícios (Anexo 11) : **5 minutos**
- Correção em conjunto e análise do texto: **15 minutos**

Anexo 11

Exercícios com Preposições

Nome: _____ Data: ____/____/____

- I. Leia o texto e preencha os espaços com as preposições adequadas (simples ou contraídas).

A raposa e as uvas

Numa tarde maravilhosa de verão, uma raposa passeava tranquilamente _____ campo. Já cansada e _____ sede, passou próximo de um vinhedo, avistando lindos cachos _____ uvas, maduros e desejáveis. A raposa ficou com água _____ boca: – Que delícia! É disso que eu estou _____ precisar! Eles estão um pouco altos, mas, se eu der um saltinho, já estão na mão!

A raposa saltou uma vez e não os alcançou. Saltou a segunda vez e nada! _____ várias tentativas, a raposa parou, olhou _____ cima, e determinada a conseguir, pulou novamente. No entanto, as lindas uvas estavam muito altas, e a raposa, por mais esforço que fizesse nunca conseguiria alcançá-las.

_____ as dificuldades, a raposa sentiu-se cansada e completamente frustrada. Estava lá _____ manhã e ainda não tinha conseguido colocar as patas _____ maravilhoso cacho de uvas.

Ela olhou para cima, viu a girafa. Mas, se ela pedisse ajuda, teria que dividir as uvas. Olhou _____ o lado, viu o macaco, porém, era muito guloso, devoraria as uvas antes de chegar _____ junto dela.

Então, decidiu que, _____ um e outro, não pedia ajuda. Depois de muito esforço e _____ nenhum sucesso, ela acabou _____ desistir. Finalmente, olhou para os lados e resmungou: Não vou tentar mais! Estas uvas estão amargas e estragadas! Não valem o meu esforço!

(Texto adaptado) Disponível em: <https://demonstre.com/a-fabula-a-raposa-e-as-uvas/>.

II. Complete as frases com as seguintes preposições ou locuções prepositivas.

Depois de • às • à • de dia • em(x2) • por
com • a(x2) • pela • para • a partir de • de(x2)

1. Gosto de passear à beira-mar _____ noite e ver a luz do luar refletida na água.
2. _____ terminar as aulas, vou lanchar com os meus colegas.
3. Ele nasceu a 22 _____ setembro.
4. _____ não é perigoso andar pelas ruas da cidade, mas _____ certas horas da noite já é.
5. Espero por ti _____ 5 horas, em frente ao hotel.
6. _____ janeiro ainda faz frio em Portugal.
7. As aulas terminam _____ a semana.
8. Faço anos _____ 3 de julho.
9. Vou ficar em Portugal _____ seis meses.
10. Hoje estou _____ folga!
11. Quando está muito calor, só se deve apanhar sol bem cedo _____ manhã.
12. _____ uma hora, ela consegue acabar o trabalho.
13. A Joana está preocupada _____ o seu irmão porque ele ainda não chegou _____ casa.